

O Centenário do Barão do Rio Branco

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

NESTA reportagem pretendemos publicar algumas notas inéditas sobre o Barão do Rio Branco, aspectos da Exposição Comemorativa do centenário de seu nascimento e reproduzir o que nos pareceu mais interessante do que foi dito e divulgado na vigência das comemorações realizadas nesta Capital.

Vamos, portanto, ser objetivo, só fornecendo aos leitores da *Revista do Serviço Público* matéria que possa ser de seu agrado, e não apreciações nossas sobre a vida do grande brasileiro, focalizada, aliás, de forma admirável, nos discursos proferidos junto à sua estátua e que publicamos no fim deste trabalho.

Quanto a notas inéditas sobre Rio Branco, também não são elas resultantes de qualquer esforço de pesquisa do repórter. Foram-lhe todas fornecidas espontaneamente pelo Itamaraty, onde a imprensa é sempre acolhida com solicitude e distinção. Aliás, essa conduta é tradicional naquela nobre Casa.

O jornalismo tem sido ali exercido com agrado de muitos diplomatas, como aconteceu ao próprio Rio Branco e se observa ainda entre alguns elementos da *carrière* e do funcionalismo do Ministério.

Exposto o plano desta reportagem, podemos então começar pela

EXPOSIÇÃO RIO BRANCO

No dia 20 de abril, quando se registrou o primeiro centenário do nascimento do Barão do Rio Branco, além da solenidade realizada pela manhã junto à estátua do grande chanceler, na Esplanada do Castelo, houve à tarde, no Palácio Itamaraty, a inauguração de interessante exposição reveladora da vida e da obra do insigne diplomata.

O certâmen foi organizado pelo Cônsul Murilo de Miranda Bastos, com a colaboração do 1.º secretário Djalma Pinto Ribeiro Lessa e dos Cônsules Roberto Luiz Assumpção de Araújo, Victor de Carvalho e Jorge D'Escragnolle Taunay. Decoração de Santa Rosa e painéis de H. Delnegri.

A Sra. Eugênia de Macedo Soares, esposa do Ministro José Roberto de Macedo Soares, que no momento respondia pelo expediente do Ministério do Exterior, na ausência do chanceler interino, Embaixador Pedro Leão Velloso, foi convidada a cortar a fita simbólica de inauguração da Exposição, que ficou depois franqueada ao público até meados de maio.

Em vez de descrever o certâmen preferiríamos trazê-lo à vista do leitor por meio de fotografias de todos os seus painéis. Mas isso é impossível. Falta-nos espaço na Revista e nem sempre as fotografias lá expostas podiam ser reproduzidas novamente, a menos que fôssem retiradas dos respectivos quadros, o que seria impraticável no momento.

Assim, pois, limitemo-nos ao essencial, aos aspectos mais vivos e atraentes da exposição — grande livro aberto ao público, que, para senti-lo e compreendê-lo, não precisava folheá-lo, nem seguir-lhe o texto de página à página, pois cada painel mostrava-lhe episódios de relêvo e até mesmo capítulos inteiros da vida e da obra do eminente estadista brasileiro.

RIO BRANCO NA INFÂNCIA E NA MOCIDADE

No início da Exposição via-se o painel "Infância e Mocidade", com fotografias da casa n.º 8 da antiga travessa do Senado, onde nasceu o Barão.

Ao lado o assentamento, na matriz de Santana, de seu batismo, a 24 de julho de 1845. Retratos na meninice e na juventude, quando estudante de direito em São Paulo e no Recife. Defronte desse painel, outro com os retratos do primeiro e do segundo Rio Branco, conforme se vê na fotografia que aqui estampamos.

RIO BRANCO, DIPLOMATA

Noutro painel, retratos de Rio Branco, quando cônsul geral em Liverpool; enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial nos

Estados Unidos; enviado extraordinário e ministro plenipotenciário na Suíça, e enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Berlim.

RIO BRANCO ESTADISTA

Vários retratos do Barão, quando Ministro de Estado das Relações Exteriores nas presidências de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca. Nesse painel, esta frase de Euclides da Cunha:

“O descortino dilatado de um estadista, depois de engrandecer-nos no espaço, engrandeceu-nos no tempo.”

DUAS FRASES DE RIO BRANCO

Fomos tomando nota dos painéis. Ao lado de retratos, mapas, etc., de vez em quando uma frase destacada nos despertava a atenção. Duas de Rio Branco, altamente expressivas, parece-nos que foram escritas para o momento atual. Ei-las:

“O nosso ideal não é o da formação de dois mundos rivais, mas de um só mundo unido.”

“A diplomacia moderna é franca porque as democracias modernas não têm segredos, e deseja não só conhecer a verdade, mas também exprimi-la.”

CONDECORAÇÕES

Num painel havia a reprodução dos títulos honoríficos concedidos a Rio Branco e, num mostruário envidraçado, as condecorações. Lemos num cartão, ao lado:

“O período republicano, em que o Barão adquiriu os seus grandes triunfos, não era propício a condecorações, que a Constituição de 1891 não admitia. Ainda assim foram muitas e importantes as que recebeu”.

E no painel estão mencionadas estas condecorações:

Ordem de Cristo (Portugal) 1873
Legião de Honra (França) 1874
Ordem da Coroa da Itália 1874
Ordem de Leopoldo da Bélgica 1876
Ordem da Rosa (Brasil) 1881
Ordem de S. Estanislau (Rússia) 1889
Duplo Dragão da China
Oficial da Instrução Pública (França) 1889
Busto do Libertador (Venezuela) 1911

MEDALHAS

Noutra vitrina, viam-se várias medalhas comemorativas com o cunho do Barão do Rio Branco

e também uma bengala e duas canetas que pertenceram ao Visconde do Rio Branco.

O AMBIENTE DE TRABALHO

Várias fotografias de dependências do Itamaraty, destacando-se a da sala onde o Barão faleceu. Esta sala era o seu dormitório e gabinete de trabalho.

No painel lia-se:

“Seu saber histórico-geográfico tinha de ser uma força em nossa vida de Nação.

Silvio Romero”

Fotografia de Rio Branco ao lado de sua coleção de tanagras e “terras cotas”.

RIO BRANCO E A CARICATURA

Este painel é um dos mais interessantes da Exposição. Nêle estão afixadas páginas de revistas do Rio com caricaturas do Barão. Numa capa da *Revista da Semana*, de 18 de abril de 1909, figurava a sua caricatura, trabalho de Raul, e em baixo esta quadra:

“Justo é que desde agora o lápis pinte
E aplauda a festa que se concebeu
Em honra a quem nasceu no dia vinte
E deu no vinte desde que nasceu.

Nós Todos”

E outras caricaturas são expostas, publicadas no “D. Quixote”, jornal ilustrado de Angelo Agostini; no “O Mosquito”, no “Malho” e no “Tupy”, de outubro de 1872.

O ITAMARATY DO TEMPO DE RIO BRANCO

Está focalizado em vários aspectos fotográficos internos e externos.

Ao lado lemos esta frase:

“Diplomacia inteligente sem vaidade, franca sem indiscrição e enérgica sem arrogância.

(Parecer do Conselho de Estado do Império)”

COM OS FILHOS, OS AMIGOS E OS CONTEMPORÂNEOS

Num longo painel, que se desdobrava em vários quadros, havia flagrantes da vida de Rio Branco em companhia dos filhos e pessoas amigas.

No primeiro quadro está êle com os filhos D. Hortência, D. Amélia, Raul e Paulo.

No segundo quadro, Rio Branco num almôço oferecido pelo Núncio Apostólico em Petrópolis.

Rio Branco em Royat (1878); em Berna, com Carlos de Carvalho e o Cônsul Mesquita; em Washington com Domício da Gama e Olinto de Magalhães (1889); no Rio de Janeiro, com Pereira Passos; em Hamburgo (1898) com suas filhas, o Ministro Souza Correia e a Condessa de Nioac; em Auteuil (1897) com Hilário de Gouveia, etc.

Ao lado de um desses quadros esta frase :

"Não sei o que mais ele adquiriu : se territórios para a sua pátria, se fanáticos para a sua grandeza d'alma.

Martim Francisco."

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS (1889)

Fotografia de um grupo. De pé : Domício da Gama, Visconde de Cavalcanti, Ladislau Neto, Barão da Estrêla, Barão de Albuquerque. Sentados : Rio Branco, Eduardo Prado, Sant'Ana Nery e Ramalho Ortigão.

DESENHOS DE RIO BRANCO

Rio Branco gostava de fazer desenhos. E a exposição é rica de trabalhos seus : mapas, caricaturas, etc.

Lá estava Pecegueiro do Amaral fixado em desenho do próprio punho do Barão. Também um "croquis" da guerra do Paraguai para a "Ilustração Francesa".

ARBITRAMENTO

"O arbitramento é para o Brasil como que uma religião internacional, e Rio Branco foi o seu maior intérprete.

Calógeras."

Ao lado do painel em que figura essa frase, uma vitrina com 29 tratados subscritos de 1902 a 1912.

VISITAS PRESIDENCIAIS

Fotografias da recepção no Rio de Janeiro aos Presidentes Roca e Saenz Peña.

II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA PAZ EM HAYA — 1907

Retrato de Ruy Barbosa e fotografia da delegação brasileira, bem como da sala das sessões da Conferência.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL AMERICANA NO RIO DE JANEIRO EM 1906

Rio Branco tendo ao lado Joaquim Nabuco e vários delegados estrangeiros.

E no painel esta frase :

"Não há aqui quem alimente invejas contra os povos vizinhos, porque tudo esperamos no futuro; nem ódios, porque nada sofremos deles no passado.

Rio Branco."

RIO BRANCO E SEUS SECRETÁRIOS

Fotografia de Rio Branco com os seus secretários : Moniz de Aragão, Batista Pereira e Araujo Jorge.

RIO BRANCO E A DEFESA NACIONAL

Um trecho da baía de Guanabara, com os couraçados "Minas Gerais" e "São Paulo".

Rio Branco assistindo às primeiras manobras realizadas no Brasil, em Santa Cruz, em 1907. Num grupo, estão : Afonso Pena, o Ministro português Camelo Lampreia e os Srs. Miguel Calmon, Rivadávia Correia, Calógeras, Hermes da Fonseca Alexandrino de Alencar, etc.

"Não se pode ser pacífico sem ser forte, como não se pode, senão em intenção, ser valente sem ser bravo.

Rio Branco."

PROVAS CARTOGRÁFICAS DE VÁRIOS TRATADOS

A exposição continha numerosos painéis de provas cartográficas dos vários tratados entre o Brasil e países vizinhos.

Assim é que se pôde bem apreciar a prova cartográfica do direito do Brasil ao Território de Palmas (Missões). Numa vitrina, a sentença autógrafa do Presidente Cleveland e os respectivos selos de armas, e noutro mostruário, os originais autógrafos; edição original impressa e espécimens cartográficos referentes à controvérsia entre o Brasil e a Argentina sobre o Território de Palmas.

Também muito extensa a documentação referente à questão do Amapá (1898-1900). Via-se ao lado o retrato de J. Caetano da Silva, autor da obra "L'Oyapoc et l'Amazone". Fotografia da Missão Especial do Brasil em Berna, constituída de Domício da Gama, Raul Rio Branco, Hipólito de Araújo e Barão do Rio Branco.

Um instantâneo de Rio Branco na Vila Molitor, em Auteuil, redigindo a defesa do Brasil. Retrato do Presidente Hauser, do Conselho Federal Suíço, árbitro da questão do Amapá. Rio Branco, em Berna, entre os filhos e amigos, após a vitória do Amapá, em 1 de dezembro de 1900.

Noutro painel, documentos e fotografias relativos ao Tratado de Petrópolis (Tratado com o Perú em 1909). Lá estavam os negociadores desse tratado e seus auxiliares.

Iríamos longe se fôssemos registrar nesta reportagem a imensa obra de Rio Branco referente aos numerosos tratados em que trabalhou pela defesa do Brasil.

BIOGRAFIA DE RIO BRANCO

No certâmen estêve exposto o I vol. da obra "Rio Branco", de autoria do escritor Alvaro Lins. Na página de rosto desse volume lemos:

"Este livro foi escrito a convite do Ministério das Relações Exteriores para as comemorações do centenário do nascimento do Barão do Rio Branco.

Ao autor ficou assegurada completa autonomia de pensamento e de trabalho, e, por isso, são de sua responsabilidade tôdas as opiniões e interpretações nêla contidas. Deu o Itamaraty apoio e colaboração à obra, quase tôda construída com o material de seu Arquivo e Biblioteca."

CONVERSANDO COM O DR. JANGO FISCHER

O Cônsul Dr. Jango Fischer serviu ao lado do Barão do Rio Branco durante dois anos e meio e agora se lhe ofereceu ensejo de manusear copiosa documentação que está ordenando. Dêse modo fácil será depois consultá-la. E' constituída de notas referentes a obras lidas pelo grande chanceler e suplementares às anotações por êle feitas à margem dos livros e nem sempre encontradas nos devidos lugares.

O Dr. J. Fischer já estudou 472 obras, em 642 volumes, num total de mais de 17.000 páginas, tôdas anotadas pelo barão. Rio Branco tinha o hábito de colar às páginas lidas notas avulsas, quando não havia mais espaço nas margens do livro para escrever. Assim é que foram encontradas 377 coladas e 178 sôltas.

O Dr. J. Fischer está organizando um índice de tôdas as obras anotadas pelo Barão e que constituirá, sem dúvida, valioso roteiro para quantos desejem estudar a obra do chanceler.

Vimos êsse índice, organizado pela ordem cronológica dos documentos, sendo que o mais velho dêles data de 1555. E' o "NOVVS ORBIS REGIONVM INSVLARVM VETERIBVS INCOGNITARVM, Basilea".

O barão fez nesse livro quatro anotações.

E a propósito dessas e de outras anotações, assim nos falou o Dr. J. Fischer:

— O estudo que fiz dos livros anotados pelo barão poderá servir de prova de sua erudição geográfica, histórica, política e diplomática. Demonstrará ainda, além de seu patriotismo sempre alerta, também seu espírito por vezes irônico e eventualmente mordaz. Não escrevia para o público, e só o fazia unicamente em contradição às falsas imputações que êle encontrava, quer contra o nosso caráter, quer contra os nossos direitos ou contra a verdade histórica dos feitos de nossa gente nas guerras em que nos empenhamos. Homem modesto, na sua filosofia de quem vivera bem a sua vida e possuía em alto grau o raro dom de bem conhecer os homens, nunca pensou em escrever para a posteridade, pensando em si próprio. As suas notas revelam bem isso e mostram o homem destituído de egoísmo, de vaidade, de ambição e de orgulho.

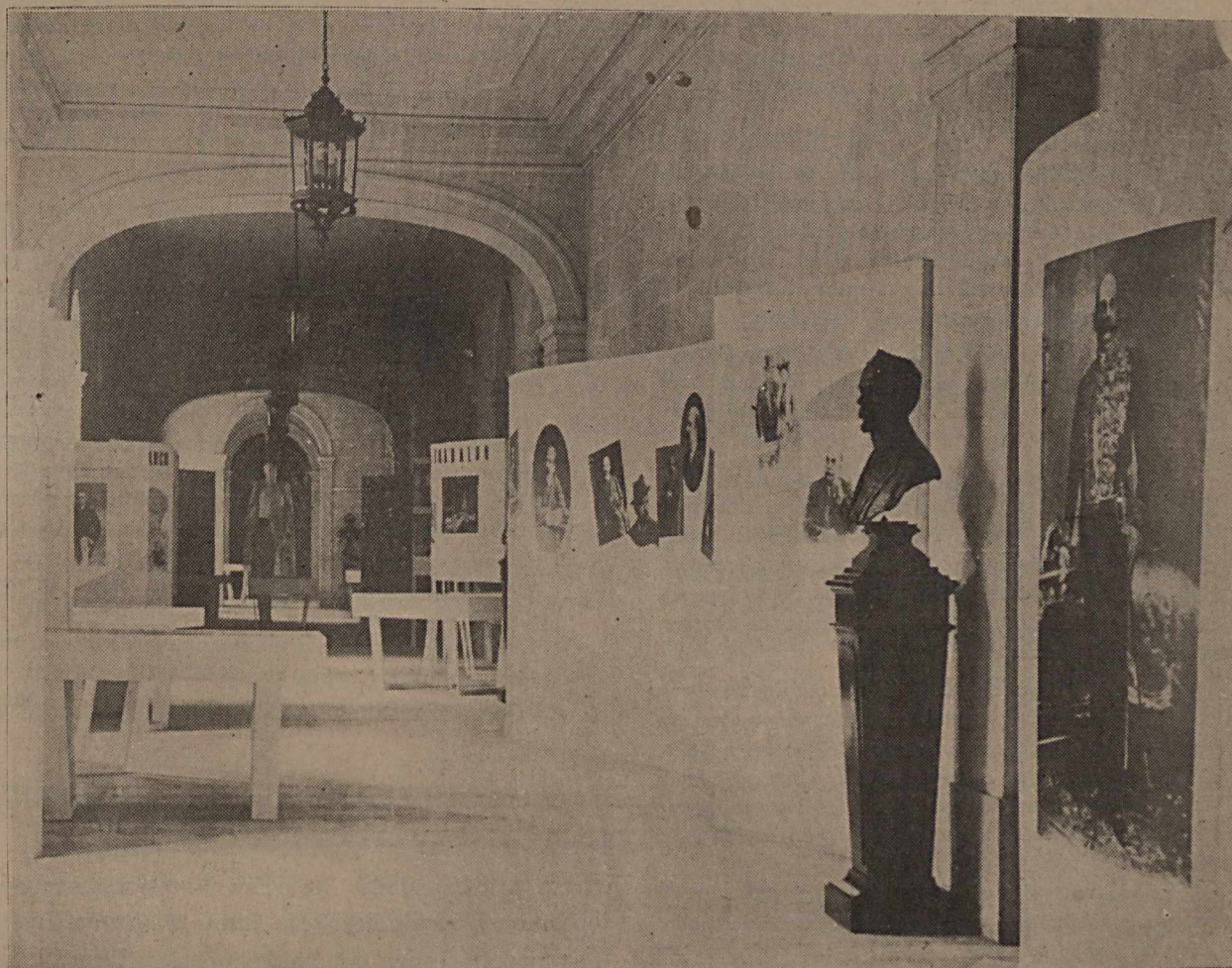
O INTERESSE DO BARÃO DO RIO BRANCO PELA PINTURA

O Dr. J. Fischer teve ensejo de mostrar-nos 236 fôlhas intercaladas pelo Barão no *Dictionnaire des Peintres*, de Guédý, e encerrando mais de 1.100 anotações sôbre pintores, seus quadros e respectivos valores. E o Dr. J. Fischer assim nos esclarece:

— Observe bem esta obra. O Barão era uma autoridade em pintura e êsse dicionário apresenta 465 páginas por êle anotadas, estando dez notas coladas e enxertadas com trinta recortes diversos.

Procuramos saber detalhes dessas anotações e assim os tivemos:

— Nas fôlhas sôltas no texto, o Barão faz uma relação dos quadros do grande Taunay e sua distribuição por vários museus, como os do Louvre, Versailles, Nantes, Cherburgo, Montpellier, Grenoble, Ermitage, na Galeria Leuchtemberg e também os que estavam no Paço de S. Cristóvão, em número de cinco. Em outra página êle dá uma lista de preços de outros quadros de Taunay, ven-



A galeria principal da Exposição do Centenário do Barão do Rio Branco

didos em diversos leilões. Aliás, devo dizer que esse interesse do barão pela pintura estava também ligado à nossa história. Quer uma prova desta minha observação? Aqui está o que ele escreveu em uma das páginas do dicionário de Guédy:

"Quadros que devemos copiar para o Rio e nos quais se encontram episódios de nossa guerra com a Holanda, ou das guerras da Espanha dêsse tempo:

Gardacho: "A praça de Constança, socorrida pelo duque de Faria, em 1633"; "Sítio de Rheinfeld, 1633".

Felix Castello (Museu de Madrid) n.º 695 — "Desembarco de D. Fradique de Toledo en la Bahia de S. Salvador (conhecido antes pelo nome de "Expugnación de un Castello por D. Fradique de Toledo).

"Choque entre Esp. e Holandeses" (D. D. Balyasar Alfaro, reinado de Felipe).

No Museu Naval (n.º 716) "Comb. Naval ocurrido el 12 Sep. de 1631 sobre la costa del Brasil em que la armada Española mandada por D. Ant.º de Oquendo venció e destrozó a la Holandesa bajo las ordenes del genl. Hans Pater."

E o Dr. J. Fischer, depois de ler estas notas, fêz-nos esta observação:

— Como vê, o Barão procurava por toda parte, até mesmo nas exposições de pintura estrangeira, tudo que se relacionasse com a nossa história e servisse, se possível, de documentação ou divulgação cívica. Devo também dizer-lhe que ainda não foi divulgada suficientemente entre nós a predileção de Rio Branco pela pintura. Também a escultura o apaixonava, especialmente as tanagras, de que possuía ele dois belos exemplares. Veja este livro aqui: *Collections de Terres Cuites de Tanagra*, de Lecuyer. Em 93 páginas há 958 anotações.

RIO BRANCO GOSTAVA DE "FOOT-BALL"

Pela carta que abaixo publicamos vê-se que Rio Branco gostava de "foot-ball". Escreveu-a ao seu amigo o conselheiro Silveira Martins:

"Paris, 7 de abril de 1896

Meu caro Conselheiro Amigo:

Hoje às 3 horas ha a ultima partida de "foot-ball" entre os melhores jogadores de Paris e o Club de

Coventry, que possui uma das mais celebres turmas de "foot-ball" da Inglaterra. A partida será muito interessante, talvez mais do que a de hontem, a que Hilario assistio com uma das filhas.

Mando-lhe esta noticia porque pareceu-me ante-hontem que Madame Silveira Martins desejava assistir a um "match" internacional, e eu estou convencido de que o espectáculo o interessará também. Esse genero de sport devia ser introduzido no seu Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, Paraná, São Paulo e Minas onde o clima permite taes exercicios.

A partida será no Vélodrome da Avenue Bineau, em Combevoie. Da sua casa ao logar ha meia hora de carro. Não lhe mando bilhetes porque não os ha hoje. Paga-se ao entrar 2 francos por pessoa.

Meu filho Paulo, estudante de medicina, é o *arrière* ou *Back* da equipe francesa, e é tido pelo melhor *arrière* da França. No mundo dos sports athleticos aqui chamam-no Da Sylva. E' a êle que estará confiada a ultima defesa do campo, quando os Inglezes forçarem, como hão de forçar, as tres linhas de *avantes*, *demis* e *troisquarts*.

Hontem atirou ao chão todos os Inglezes que poudes, até cançar, mas estes são muito superiores aos Francezes em disciplina e na arte de passar o balão. O que era atirado ao chão pelo Paulo, lançava o balão a outro Inglez mui distante, e este, sem encontrar Francezes, que todos perseguiam o primeiro, fazia o ponto.

Faz-se um *essai* que conta por 2 pontos, quando se consegue collocar o balão em terra dentro da ultima linha do campo contrario. Feito o *essai*, a *equipe* que obtém essa vantagem colloca o balão na linha perpendicular a esse ponto e com um ponta-pé procura fazer passar o balão por cima de dois postes que assinalam o campo contrario. Se consegue isso, obtém mais 3 pontos. Esses resultados só são obtidos depois de muitas *mélées*, *charges* e tombos formidáveis.

Amigo velho e obrigado — Rio Branco

P.S. Envio-lhe a colocação dos *equipiers* ao começar a partida."

UMA CARTA DE BARTOLOMEU MITRE AO VISCONDE DO RIO BRANCO

Entre os papéis do Barão do Rio Branco, que estavam sendo trabalhados pelo Dr. J. Fischer, vimos esta carta que ao pai do grande chanceler, o Visconde do Rio Branco, escreveu Bartolomeu Mitre:

Ilm.º y Exm.º Sr. Consejero D. José M^a da Silva Paranhos.

Señor Ministro

Al separarse V.E. del Rio de la Plata me es grato dirigirle una amistosa palabra de despedida. Al mismo tiempo cumplo con el deber de manifestarle confidencialmente que, reconociendo sus distinguidos servicios en el Rio de la Plata, creo que V. E. ha

servido dignamente a la politica del Brasil en estos paizes, conciliando a la ves los intereses y el decoro de su patria con el decoro y los intereses de los pueblos vecinos y amigos con los cuales cultiva relaciones, y respecto de los cuales debe siempre consultar el presente y el futuro.

No necesito decir a V. E. cuanto siento su separacion de Buenos Aires y la manera en que ella tiene lugar. Sin pretender jugar los actos del Gobierno del Imperio, a cuya lealtad siempre hice la debida justicia, creo sin embargo poder asegurar por lo que respecta a la Nacion que presido, que V. E. debe estar satisfecho del modo como ha desempenado su mission cerca del Gobierno Argentino, asi como de los nobles y generosos esfuerzos que ha hecho siempre en favor de la paz a que siempre hemos propendido como regla invariable de nuestra politica interna y esterna. Habendo tenido ocasion de apreciar con tal motivo sus distinguidas calidades y su anhelo por la felicidad de estos paizes, me haré un honor en todo tiempo y en cualquiera situacion en testificarle los sentimientos con que me ofrezco de V. E. su mui atento servidor y amigo que le saluda con su más distinguida consideracion. *Bartolomé Mitre*. S.C. Mayo 19/865."

A EDIÇÃO DAS "OBRAS DO BARÃO DO RIO BRANCO"

O Ministério das Relações Exteriores resolveu promover uma edição das *Obras do Barão do Rio Branco*, iniciativa que se deve ao Sr. Luiz Camilo de Oliveira Neto, quando diretor do Serviço de Documentação do Itamaraty.

O plano da edição compreende doze volumes, a saber: I — *Questões de limites: República Argentina*; II — *Questões de limites: Guiana Britânica*; III — *Questões de limites: Guiana Francesa*. 1.^a *memória*; IV — *Questões de limites: Guiana Francesa*. 2.^a *memória*; V — *Exposições de motivos*; VI — *Efemérides brasileiras*; VII — *Biografias*; VIII — *Estudos históricos*; IX — *Estudos geográficos*; X — *Anotações à Guerra da Triplíce Aliança de Schneider* (três tomos); XI — *Discursos*; XII — *Coletânea de artigos*.

A redação de uma Introdução Geral à *Coleção* foi confiada ao Embaixador Arthur Guimarães de Araujo Jorge, que já a publicou.

Os trabalhos prosseguiram a cargo de um comité de publicações sob a presidência do 1.º Secretário de Embaixada Sr. Jorge Latour, que teve a colaboração dos Srs. Roberto Assunção de Araujo, Murilo de Miranda Basto, Sergio Correia da Costa e Jorge d'Escragnolle Taunay.

Jayme de Barros, Aurelio Porto, Heraldo Pacheco de Oliveira e Luiz Nogueira Porto, João Paulo da Silva Paranhos do Rio Branco, Fernando de Figueiredo e Rubens de Araujo.

Emprestaram sua cooperação à comissão encarregada de editar as *Obras do Barão do Rio Branco*, na qualidade de consultores, os Srs. Embaixador Araujo Jorge (assuntos diplomáticos), Sousa da Silveira e Celso Ferreira da Cunha (questões de ortografia), Rodolfo Garcia e Sousa Docca (história), Rubens Borba de Moraes e Rodrigo M. F. de Andrade (bibliografia).

Merece uma referência especial, o trabalho dos pesquisadores, funcionários do Itamaraty, Armando Ortega Fontes, Armando Brito de Sousa, Sarah Gomes de Araujo, Celina de Abreu Braga, Manuel de Miranda.

CICLO DE CONFERÊNCIAS DO ITAMARATY

Também foi organizado este programa de conferências para o Centenário de Rio Branco:

No Instituto de Geografia e História Militar do Conferencista: Embaixador Hildebrando Accioly, no dia 30 de maio. Tema: "Rio Branco e a 2.^a Conferência de Haia."

No Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — Conferencista: Major Deoclécio de Paranhos Antunes. Tema: "Rio Branco, historiador militar", no dia 6 de junho.

Na Associação Brasileira de Imprensa — Conferencista: Dr. Elmano Cardim. Tema: "A imprensa na vida e na obra de Rio Branco", em junho.

Na Associação Brasileira de Imprensa — Conferencista: Dr. Danton Jobim. Tema: "Rio Branco e a Imprensa do seu tempo", no dia 1.^o de agosto.

No Instituto da Ordem dos Advogados — Conferencista: Dr. Haroldo Valladão. Tema: "Rio Branco, advogado do Brasil", na segunda quinzena de julho.

Na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — Conferencista: Ministro Bernardino José de Souza.

Na Academia Brasileira de Letras — Conferencista: Acadêmico Levy Carneiro.

UM FILME SOBRE RIO BRANCO

O Instituto Nacional de Cinema Educativo, dirigido pelo Prof. Roquette Pinto, ofereceu valiosíssima colaboração às comemorações do centenário do Barão do Rio Branco, confeccionando primoroso filme sobre a vida e a obra do estadista brasileiro.

Quando falávamos no Ministério do Exterior com o Cônsul Roberto Assumpção de Araujo, a quem se deve a iniciativa da confecção dessa biografia luminosa e movimentada de Rio Branco, avistamo-nos também com o técnico Humberto do Instituto de Cinema Educativo, que no momento fazia entrega àquele diplomata do referido filme. Por muito adequado a esta reportagem vamos reproduzi-lo aqui em seguida. Já tivemos oportunidade de falar aos leitores da *Revista do Serviço Público* sobre os filmes confeccionados por Humberto Mauro, sobre um mundo de coisas interessantes do Brasil — fatos de sua história, realizações no campo científico, aspectos geográficos e variada documentação artística.

Entre estas, figura o 3.^o ato do "Guarani" de Carlos Gomes — Invocação dos Aimorés; "O despertar da Redentora"; "Hino à Vitória"; "Henrique Oswald"; "Machado de Assis", "Euclides da Cunha", etc.

E a propósito do filme sobre Rio Branco, assim nos falou ligeiramente Humberto Mauro:

— Este filme não foi de fácil confecção, sob o ponto de vista cinematográfico, dada a sua difícil adaptação. Conseguiu-se, entretanto, apreciável trabalho, muito vivo, profundo e mesmo emocionante. Na parte, por exemplo, das vitórias diplomáticas do Barão, como as das Missões, Amapá e Acre, mostradas por meio de adequada documentação, conseguiu-se dar vida e ação a esses episódios. Já a morte do grande brasileiro permitiu o uso da pura técnica cinematográfica, transmitindo-nos intensa vibração emotiva.

— Durou muito tempo a confecção do filme?

— Dois meses e pouco. O Instituto Nacional de Cinema Educativo teve nesse trabalho a valiosa cooperação e a constante colaboração do Ministério do Exterior. O filme tem cerca de mil metros e sua projeção dura quarenta minutos. A parte musical é toda constituída de músicas brasileiras, dos compositores Vila-Lobos, Heckel Tavares,

Francisco Braga, Henrique Oswald e Carlos Gomes.

No filme aparece a Casa de Ruy Barbosa, ao ser focalizada a Conferência de Haia, na qual foi representante do Brasil, como se sabe, o grande Ruy, por escolha de Rio Branco, igualmente a vivenda de Westphalia, onde foi assinado o tratado de Petrópolis.

O filme, que teve sua confecção orientada pelo Professor Roquette Pinto, constitui, sem dúvida, mais uma brilhante realização do Instituto Nacional de Cinema Educativo.

O Itamaraty já providenciou no sentido de serem tiradas cópias em português e inglês do filme "Rio Branco", e ser feita também sua redução de 35 para 16 milímetros, tamanho escolar, para distribuição posterior às representações diplomáticas e consulares do Brasil e também às escolas do país. Com êsse filme, inaugurou o Itamaraty a "Filmoteca Rio Branco", que servirá de documentação para os cursos do Instituto Rio Branco, de que trataremos em seguida.

No início desta reportagem nos eximimos de observações sobre a obra e a vida de Rio Branco, adiantando ao leitor que em três discursos reproduzidos neste trabalho se acham elas focalizadas de forma admirável.

Ocorre-nos nesta altura outra transcrição, não menos interessante e oportuna, na qual a obra de Rio Branco é ressaltada em seus contornos principais através do texto do filme sobre sua vida.

Assim, pois, aqui está o

TEXTO DO FILME "RIO BRANCO"

"José Maria da Silva Paranhos — Barão do Rio Branco — é uma das figuras que, pelo seu saber e pela sua ação, mais e melhor contribuíram para a grandeza do Brasil. A sua obra importou em delimitar geograficamente todo o território nacional, ao qual integrou 688.621 Km².

O Palácio Itamaraty à rua Marechal Floriano, velho solar da primeira metade do século passado, em estilo neo-italiano, foi cedido ao Ministério das Relações Exteriores em 1897. A sua notoriedade veio com o prestígio que deu a nossa Chancelaria, o Barão do Rio Branco. E' a Casa de Rio Branco. Ali realizou êle sua grande obra diplomática; serviu o Brasil com inextinguível devotamento e ali, num modesto gabinete de trabalho, faleceu na manhã de 10 de fevereiro de 1912.

Nasceu o Barão do Rio Branco no Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1845, na modesta casa da antiga travessa

do Senado, n.º 8, hoje rua 20 de abril, n.º 14. Era filho primogênito de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, e de D. Tereza de Figueiredo Paranhos.

O Visconde do Rio Branco um dos maiores estadistas do Brasil deu ao filho, na sua própria vida um modelo glorioso a seguir.

A estátua do Visconde do Rio Branco ergue-se nos jardins da Glória, na Capital da República. Foi testemunho da gratidão nacional pela "Lei do Ventre Livre", — lei que o Barão defendeu nas colunas do seu jornal *A Nação* e votou na Câmara como Deputado Geral por Mato-Grosso de 1869 a 75.

*
* *

Rio Branco fez os seus estudos secundários no Imperial Colégio de Pedro II, na mesma rua onde terminou gloriosamente seus dias, e onde, mais tarde, foi professor interino de Corografia e História do Brasil, matérias em que, desde moço, se especializou.

O jovem Paranhos — Juca Paranhos, como lhe chamavam os íntimos — estudou Direito, a princípio na Faculdade de São Paulo, de 1862 a 65. Concluiu o curso em Recife, em 1866.

Seus trabalhos históricos lhe valeram o ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, — em 1867 — para o qual foi eleito Presidente efetivo e depois Presidente perpétuo em 1909.

Moço fidalgo da Casa Imperial fez a sua primeira viagem à Europa em 1867, e em 69, 70 e 71 acompanhou o Pai nas viagens ao Rio da Prata.

A História Militar do Brasil mereceu predileção especial do Barão do Rio Branco. Anotou a História da Guerra da Tríplice Aliança, do alemão Schneider.

A obra de Schneider tornou-se clássica, graças às notas do insigne brasileiro.

Além de vários outros trabalhos, as "*Efemérides do Brasil*", em edição definitiva do Itamaraty, em 1945, nas "*Obras Completas*", é outro livro básico para os estudos de nossa história.

Minucioso e honesto nos seus processos de verificação e análise, pesquisou bibliotecas e arquivos, copiando documentos, verificando e retificando fatos e datas. Encheu centenas e centenas de livros de anotações preciosíssimas.

Ingressou na carreira consular como Cônsul em Liverpool, em 1876, e recebeu o título de Barão do Rio Branco em 1888.

*
* *

Em 1893 foi o Barão do Rio Branco nomeado para o cargo de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em missão especial nos Estados Unidos, em substituição ao Barão de Aguiar de Andrade, para a defesa dos direitos do Brasil no litígio com a República Argentina, sobre o Território de Palmas ou Missões.

O Território de Palmas, de que o Brasil estava de posse, fica entre os rios Iguçu e Uruguai. Os governos brasileiro

e argentino estavam concordes quanto às duas fronteiras do Iguaçu e do Uruguai, mas discordavam quanto à determinação dos dois rios — Santo Antônio e Pepiriguaçu — que afluem em direções divergentes.

O Brasil sustentava que a sua fronteira deveria ser formada pelo Santo Antônio e pelo Pepiriguaçu. Depois de 1888 a pretensão argentina foi até o Rio Jangada, que sustentava ser o Santo Antônio.

Ao Brasil era disputada, assim, uma área de 30.621 Km² de superfície.

Um mapa organizado e anotado pelo próprio Barão mostra claramente a primeira pretensão argentina, em 1888, tendo o rio Chopim como divisa.

Mais tarde, depois de 1888, a pretensão argentina foi até o rio Jangada.

Para defender os direitos do Brasil o Barão do Rio Branco apresentou cinco volumes de provas cartográficas e outros documentos.

Um dos documentos mais decisivos para provar os direitos do Brasil foi o chamado "*Mapa das Côrtes*", de 1749, que serviu aos plenipotenciários de Portugal e Espanha para negociar o tratado de Madri em 1750.

O tratado de Madri fixou os primitivos limites do Brasil.

A Exposição dos Direitos do Brasil, apresentada pelo Barão do Rio Branco ao Presidente Cleveland, dos Estados Unidos, árbitro da questão, foi publicada em volume de cerca de 300 páginas.

O Presidente Cleveland deu sentença favorável ao Brasil, em 5 de fevereiro de 1895.

Foi essa a primeira grande vitória diplomática do Barão do Rio Branco.

Ficou assim definitivamente incorporado ao Brasil o Território de Palmas — 30.621 Km².

*
* *

O Barão do Rio Branco foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras — em 1898.

Nesse mesmo ano, 1898, teve nomeação para Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Missão Especial na Suíça, para tratar da defesa dos direitos do Brasil no litígio com a França, sobre o Território do Amapá.

O Brasil sempre sustentou que o Rio Oiapoc era o rio de Vicente Pinzon.

A França afirmava ser o Rio de Vicente Pinzon, o Araguari.

A linha da pretensão francesa — da foz do Araguari até o rio Branco — iria abranger uma superfície de 255.000 Km².

O Barão do Rio Branco procedeu os seus estudos em Auteuil, na "Vila Molitor" — arredores de Paris.

Apresentou em 1899 ao árbitro da questão — o Conselho Federal Suíço — a Primeira Memória do Brasil. Acompanhavam este trabalho quatro volumes contendo os documentos justificativos e ainda a obra de Joaquim Caetano da Silva — "*O Oiapoc e o Amazonas*".

Um precioso atlas continha com cópias autênticas de mapas anteriores ao Tratado de Utrecht — Tratado de "Paz e Amizade" que resolveu importantes questões entre Portugal e a França.

No mesmo ano — 1899 — o Barão do Rio Branco apresentou a Segunda Memória, contendo 186 páginas e acompanhada igualmente de quatro volumes, cópias autênticas de documentos e ainda um atlas com oitocentas e seis cartas anteriores e posteriores ao Tratado de Utrecht.

Em 1 de dezembro de 1900, o Presidente Hauser, em nome do Conselho Federal Suíço, proferiu a sentença favorável ao Brasil, que foi publicada posteriormente com 846 páginas.

Foi a segunda grande vitória diplomática do Barão do Rio Branco.

Ficou, assim, definitivamente incorporado ao Brasil o Território do Amapá — com 255.000 Km² de superfície.

*
* *

Em 1902, quando ainda Ministro Plenipotenciário em Berlim, aceitou Rio Branco o convite do Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves para o cargo de "Chanceler" do Brasil.

Rio Branco aliou ao seu gênio político a sua excepcional capacidade de estadista e de administrador.

Cuidou da nossa Chancelaria, reformando os métodos de serviço, aumentando-lhes a eficiência e atendendo mesmo aos aspectos da instalação material.

Foi Ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912, — nos Governos dos Presidentes Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

Nesse posto completou o Barão do Rio Branco a sua grande obra, iniciada com os triunfos de Missões e Amapá.

No Edifício das Relações Exteriores conserva preciosamente os livros, mapas e os arquivos do Barão do Rio Branco, acrescidos de valor pelas notas, cotas e observações feitas por ele.

*
* *

Em 1903 o Barão do Rio Branco consegue a sua terceira grande vitória diplomática resolvendo os limites com a Bolívia na delicada questão do chamado Território do Acre — 152.000 Km².

A questão foi resolvida rapidamente por um acordo direto: tratado de permuta de Territórios e outras compensações. Foi o Acre incorporado ao Brasil pela indenização de dois milhões de libras esterlinas e a cessão de pequenas áreas do nosso território:

O triângulo entre o rio Abunam e o Madeira na bacia do Amazonas — 2.296 Km²;

na bacia do Paraguai, facilitando as comunicações da Bolívia com esse grande rio, quatro pequenas áreas;

na Baía Negra — 723 Km²;

na Lagoa de Cáceres — 116 Km²;

na Lagoa Mandipré — 20 Km²;

na Lagoa Gaíba — 8 Km².

Em 1909 foi resolvida a questão com o Peru.

O Peru pretendia além do Território do Acre — 152.000 Km². — mais uma vasta área ao Norte do Acre, limitada pela linha Madeira-Javari, como se verifica no mapa de Euclides da Cunha — auxiliar dedicado do Barão nos seus trabalhos de delimitação de fronteiras.

Seria um acréscimo de 251.000 Km².

A questão foi resolvida da maneira a mais favorável e nobre, ficando o Peru os Territórios do Alto Purús do Alto Juruá — 39.000 Km².

*

* *

Na cidade de Petrópolis, num recanto da Westphalia, hoje Avenida Rio Branco, está a casa que por muito tempo foi a residência de verão do Chanceler brasileiro.

Ali, estudou ele os problemas concernentes ao caso do Acre e ali foi firmado o Tratado com a Bolívia — chamado o "Tratado de Petrópolis" — em 17 de novembro de 1903.

A mesa que serviu na cerimônia da assinatura do Tratado de Petrópolis tornou-se célebre. Na sala Joaquim

Nabuco, no Itamarati, está a magnífica peça. E' de pau rosa, com embutidos e guarnições de bronze, estilo Luiz XV.

Depois do Tratado de Petrópolis, a mesa tem figurado na assinatura de todos os atos internacionais concluídos na Chancelaria brasileira.

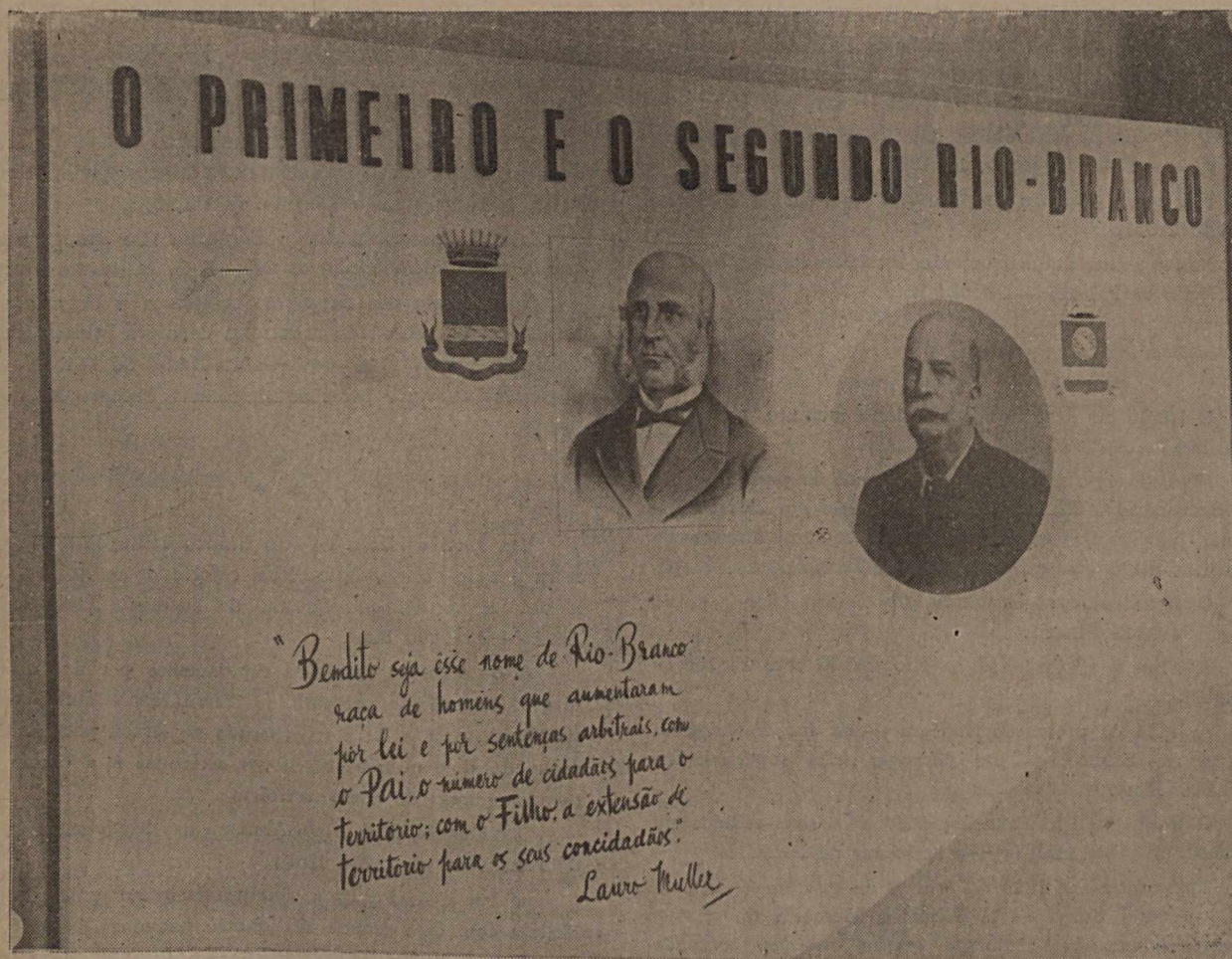
Tratado com o Peru em 8 de setembro de 1909 — e ainda, um dos últimos trabalhos concluídos pelo Barão do Rio Branco, justamente considerado como um dos mais altos documentos da nossa diplomacia; o Tratado de Limites com a República Oriental do Uruguai — assinado em 30 de outubro de 1909, pelo qual o Brasil, num expressivo gesto de solidariedade continental, concedeu ao país vizinho o condomínio de navegação da Lagoa Mirim e do Rio Jaguarão.

*

* *

Em 1906, a 3.^a Conferência Internacional Americana inaugurou o Palácio Monroe, que fôra o Pavilhão do Brasil na Exposição de São Luiz. Sob a presidência de Joaquim Nabuco, a Conferência teve como presidentes de honra Elihu Root e Rio Branco.

As normas da política continental, nas suas grandes diretrizes, traçadas pela 3.^a Conferência no Brasil, foram



Um dos muitos painéis que figuram na exposição

confirmadas na Conferência de Chapultepec, no México — 1945.

Rui Barbosa foi, por escolha do Barão do Rio Branco, representante do Brasil, em 1907 — na Segunda Conferência da Paz, em Haia.

Na “Sala dos Cavalheiros”, no “Binnenhof” de Haia, o insigne advogado da Liberdade e da Justiça afirmou o princípio de igualdade jurídica dos Estados.

*
* *

Várias foram as distinções que recebeu o Barão do Rio Branco, no Brasil e no estrangeiro.

A ação do Barão do Rio Branco aumentou para mais de 2.000 o número de marcos que hoje assinalam os limites da nossa soberania.

Ao Barão do Rio Branco deve o Brasil o perfeito delineamento das suas fronteiras internacionais e a legítima posse dos vastos territórios que lhe foram disputados.

Foi, na frase de Rui Barbosa, o “*deus Terminus*” da integridade nacional.

*
* *

No Cemitério de São Francisco Xavier, na Ponta do Caju — jazigo 2.133, estão sepultados o Visconde e o Barão do Rio Branco.

*
* *

Na Capital da República, em 7 de setembro de 1943, foi inaugurado o Monumento do Barão do Rio Branco.

Um marco de fronteira simboliza a sua grande obra.”

INSTITUTO RIO BRANCO

Na vigência das homenagens ao grande chanceler, houve a criação do Instituto Rio Branco, conforme este decreto:

DECRETO-LEI N.º 7.473 — DE 18 DE ABRIL DE 1945

Dispõe sobre a criação do Instituto Rio Branco e dá outras providências

O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º. Fica criado, no Ministério das Relações Exteriores, um centro de investigações e ensino, denominado Instituto Rio Branco.

Art. 2.º O Instituto Rio Branco terá por finalidade:

- a) a formação, o aperfeiçoamento e a especialização de funcionários do Ministério das Relações Exteriores;
- b) o preparo de candidatos ao concurso para a carreira de “Diplomata”;
- c) a realização, por iniciativa própria, ou em mandato universitário, de cursos especiais dentro do âmbito dos seus objetivos;
- d) a difusão, mediante ciclos de conferências e cursos de extensão, de conhecimentos relativos aos grandes problemas nacionais e internacionais;
- e) a sistematização de dados e documentos e a realização de pesquisas sobre história política e diplomática.

Parágrafo único. O Instituto poderá também servir de órgão de informação geral, para funcionários do Governo federal, ou para delegados a congressos e reuniões no exterior.

Art. 3.º A estrutura e o funcionamento do Instituto serão estabelecidos em regulamento próprio, a ser baixado dentro de sessenta dias a contar da publicação deste Decreto-lei.

Parágrafo único. O Ministro de Estado das Relações Exteriores nomeará uma comissão para elaborar o referido regulamento e os planos de trabalho do Instituto nos cinco primeiros anos do seu funcionamento.

Art. 4.º Para atender, no presente exercício, às despesas decorrentes deste Decreto-lei, fica aberto, ao Ministério das Relações Exteriores, o crédito especial de Cr\$. . . 200.000,00.

Art. 5.º Este Decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 1945, 124.º da Independência e 57.º da República.

GETULIO VARGAS.

José Roberto de Macedo Soares.
A. de Souza Costa.

AS INSCRIÇÕES ESTIVERAM ABERTAS DE 11 A 20 DE
MAIO

Estiveram abertas de 11 e 20 de maio último, no salão de leitura da Biblioteca do Palácio Itamaraty, as inscrições para os candidatos à matrícula nos cursos de Geografia Superior do Instituto Rio Branco.

Os referidos cursos serão ministrados pelos seguintes professores:

- a) Geografia Política do Brasil e da América Latina, Professor Everardo Backeuser.
- b) Geografia Cultural do Brasil e da América Latina, Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia.
- c) História de Cartografia Política do Brasil, Professor Jayme Cortesão.
- d) Geografia Econômica do Brasil e da América Latina, Professor Afonso Varzea.

CONVERSANDO COM O SECRETÁRIO DO INSTITUTO

Falamos ao Cônsul Mellilo Moreira de Melo, Secretário do Instituto, sobre esse novo órgão do Ministério do Exterior. Não nos bastava publicar apenas o decreto de criação do Instituto; talvez pudéssemos colher mais algumas notas a respeito. E assim nos falou o cônsul Moreira de Melo:

— A criação do Instituto veio realmente atender a uma necessidade imperiosa de preparação de

candidatos aos concursos para a carreira de Diplomata e destina-se ainda ao aperfeiçoamento e especialização dos funcionários do Ministério das Relações Exteriores, conforme estabelece o Decreto-lei n.º 7.473. Quem tirar o curso terá seu diploma, que, entretanto, não assegura nenhum direito ao seu portador, a menos que seja admitido em concursos de títulos. E' preciso acentuar que os cursos são grátis e de duração variável, conforme as circunstâncias. O Instituto realizará ainda ciclos de conferências e cursos de extensão universitária, relativos aos problemas nacionais e internacionais.

— Aliás, já vamos ter as primeiras conferências desse ciclo...

— Não. As conferências de que o senhor naturalmente teve notícia são as constantes das comemorações do Centenário de Rio Branco. As do Instituto ainda não se acham programadas. Pretendemos, em princípios de junho, realizar a sessão inaugural do Instituto com uma conferência; teremos, assim, o início de uma fase de difusão cultural no Itamaraty, bem interessante. O Instituto terá sede própria e à altura de sua nobre finalidade. Também em junho terá início o Curso de Prática Consular, para os funcionários da carreira de diplomata.

— E como surgiu idéia tão boa da criação desse centro de estudo?

— A iniciativa é do 1.º secretário de Embaixada, Dr. Jorge Latour, apoiado com entusiasmo pelos Ministros Osvaldo Aranha, Leão Velloso, José Roberto de Macedo Soares e Embaixador Alves de Souza.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO BARÃO DO RIO BRANCO JUNTO À SUA ESTATUA

Entre as homenagens prestadas à memória do Barão do Rio Branco no dia 20 de abril, destacou-se pela sua imponência e brilho a realizada junto ao monumento do grande chanceler, na Esplanada do Castelo, e na qual falaram os Senhores Abgar Renault, Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, Ministro do Paraguai Senhor Justo Pastor Benitez e Embaixador João Neves da Fontoura em nome do Governo federal e do Ministério das Relações Exteriores.

Vamos reproduzir aqui esses discursos, nos quais a figura de Rio Branco é realçada com justeza e

fidelidade pela palavra dêsses eminentes homens públicos.

ORAÇÃO DO SR. ABGAR RENAULT

"As nações constituem-se, em grande parte, de uma trama de imponderáveis: os seus hábitos, os seus costumes, a sua sensibilidade específica, a sua cultura, a sua religiosidade, o seu sentimento da terra, — o seu corpo de tradições — verdadeiro tecido conjuntivo que aproxima, une e aglutina elementos não apenas no espaço, senão ainda nessa outra dimensão que é o tempo, permitindo que o presente seja uma projeção do passado e uma prospecção do futuro. Sem êsse prodigioso tecido conjuntivo, o que é forma, continuidade, coerência, ordem e perpetuação houvera de tombar no domínio do impreciso, do precário, do desordenado e do efêmero. São essas forças patriarcais, presentes na indefinida longura dos caminhos do tempo, que regem imperiosamente o crescimento e a maturidade das nações. Mas a sua existência não é um arbítrio do acaso, nem ocorre por si mesma, ingênitamente: essas forças míticas só existem em razão do homem, que é o ponto de convergência e de irradiação do universo, o demiurgo de prodígios cujo império conforma, altera, destrói e cria as cousas sensíveis ou imponderáveis e o próprio fato universal, como realidade ou representação.

Ora, essa forma, essa força, êsse esplendor que evocamos e reverenciamos neste momento em nome do Brasil, êsse poder criador pertence efetivamente ao grupo escasso dos maiores exemplares da categoria "homem" — os que acrescem ou restauram ou estratificam alguma coisa dos agrupamentos sociais, tecem a trama e a urdidura das suas tradições e, por isto, fundam as nacionalidades.

Ele foi e, em verdade, continua a ser uma força demiúrgica, porque os atos em que se imortalizou não se esgotaram com o serem praticados, nem se lhes vasou o conteúdo: os seus efeitos, como os de certas substâncias dotadas de suma capacidade de persistência e difusão, foram mais dilatados do que o âmbito físico no qual se produziram, e altearam-se além das circunstâncias temporais. Mas de que vinha e, ainda hoje, de que vem o seu fascínio carismático? Não tem origem tão só nos 883.622 Km² que, segundo os cálculos de Basílio de Magalhães, reintegrô prodigiosamente na riqueza territorial do Brasil. A sedução do seu prestígio está, por igual, nos fatos imperecíveis de que, em relação ao nosso território e às suas fronteiras, a sua obra é, substancialmente, obra de defesa nacional e de que êle foi um criador de tradições: criou uma atitude e uma linha de compromisso e de procedimento para o Brasil diante não só dos 31 países com que firmou pactos, senão perante tódã a comunidade internacional. Essa atitude e essa linha de procedimento constituem preclara avenida lançada por entre o jôgo denso e feroz dos desapoderados interesses das nações.

O universal era a sua província, mas, como o universal só existe em relação ao particular, ou nacional, êsse fato contribuiu, ao invés de obstar, ao seu soberano sentimento do Brasil, que rege tódã a sua vida e tódã sua obra; cada vez mais irredutível através das viagens numerosas e do dilatado período de residência no estran-

geiro, nas quais alargou e enriqueceu a sua cultura e a sua experiência humana.

O laço entre o particular e o universal confere-lhe força transidente ao olhar aquilino, que tudo abrange, perquire e interroga, vendo as cousas, que não têm, em regra, para olhos comuns, forma, nem côr, nem volume próprios, na nitidez e na exatidão do seu volume, da sua côr e da sua forma.

O técnico em assuntos internacionais é recalcado ao segundo ou ao terceiro plano pelo homem de Estado, que do técnico se extrema na universalidade da visão e na escolha que sempre faz, sem hesitar, entre as categorias moleculares e as categorias molares. Assim, já não são os olhos do técnico, mas os olhos do homem de Estado, que compreendem a necessidade de remodelar e rearmar o exército, de sanear a Capital da República e de criar um sistema de articulação e circulação entre zonas remotas do país, criando entre elas nexos político e integrando-as na unidade nacional. Sabe e sente que às áreas geográficas há de forçosamente corresponder áreas demográficas, isto é, políticas: para usar a expressão do princípio aristotélico, a que, aliás, falece hoje verdade como explicação científica, mas que nada perdeu de sua excelência como imagem — em política, tal como em física, a natureza tem horror ao vácuo.

Os exemplos ilustres da sua vida pública transformaram-se em tradições da política internacional do Brasil, a qual fundamente, vincou, dia por dia, não com as virtudes levianas e moveções dos políticos, mas com as virtudes severas do homem de Estado. Devem nêlo constituir objeto de culto e de imitação a energia do querer, a paciência, a fidelidade à vocação, o gosto da pesquisa, do debate e da rixa intelectual, a cultura, o ponderoso bom senso, a capacidade de renúncia, a devoção ao ideal, o amor ao Brasil.

Ao evocar da noite pelágica do Tempo a sua figura ecumênica, trazendo-a de novo ao plano do circunstancial, o que fazemos não é apenas honrar-lhe a egrégia memória, para a qual se volvem, num assomo de irreprimível polaridade, os pensamentos e os corações: é também reaprender a nossa fé na justiça e no direito com êsse que foi um dos fundadores do Brasil."

DISCURSO DO SR. JUSTO PASTOR BENITEZ

"Senhores: A modesta voz de um hispano-americano bem pode se fazer ouvir nesta comemoração, porque o Barão do Rio Branco chegou a ser um patrimônio moral da América por suas idéias e por suas obras. E' dessas figuras que unem e se projetam além das fronteiras, porque sua ação de estadista não deixou ressentimentos nem germens de vingança e foi um realizador do direito de dirimir sem dilacerar, que resolve sem violência. Engrandeceu sua pátria sem ferir as pátrias alheias. Com razão se o consagra neste monumento, erigido pela gratidão do seu povo, tendo na base desenhado o mapa do Brasil, simbolismo exato, porque nunca houve sentinela mais alerta e esclarecida da vossa vasta herança.

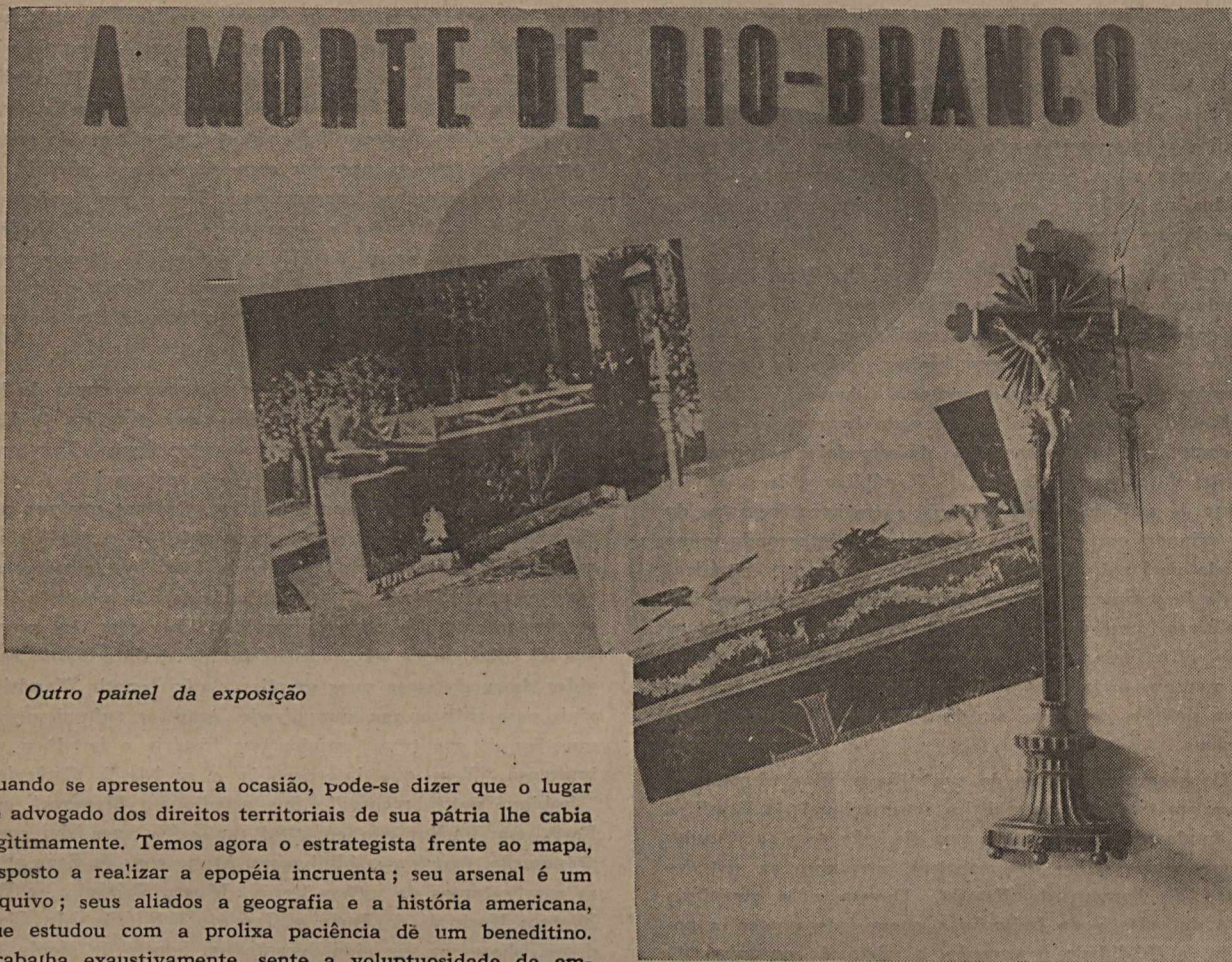
Foi o Barão do Rio Branco um destino lógico e progressivo; não tem em sua vida improvisação nem contradições e se prolonga até hoje, pelo virtualismo de suas cria-

ções. Em sua formação contribuem para fazê-lo mais humano tanto a inteligência e a vontade como o exemplo e a época em que lhe coube atuar. No Colégio Pedro II, celeiro de cultura, nas faculdades de São Paulo e de Recife, teve ao lado do livro amigo a lição paterna, paradigma de quem aprendeu a arte de negociar com elegância e eficácia os mais graves assuntos internacionais. Desde sua juventude teve ideais a defender e exemplo a seguir. Na história diplomática, no serviço da Nação, ambos são duas vertentes de um grande caudal que atravessa o Brasil, e adotam o nome de um rio, ou seja do que êste fecunda, limita e une os povos.

Muito aprendeu do advogado da humana causa da lei do Ventre Livre, do negociador de graves questões do Rio da Prata. Êle pertence, porém, a outra época. Tem que continuar uma tradição, aperfeiçoá-la e enriquecê-la. Aquêlo atuou no Império; êste na República. Contam que seu pai chegou ao Rio de Janeiro como passageiro de segunda classe, pobre e desconhecido; estudou e lutou até merecer as mais altas distinções, a que soube honrar o estadista dos acordos nobres, das atitudes medidas, libertador dos escravos. O filho cresce sob os auspícios do desinteressado servidor da nação, mas quer ampliar e não repetir. Também viaja para realizar seu aprendizado. Antes se enfronhou nas questões de sua terra, estudou sua história e batalhou na imprensa. Tem que interpretá-la e vivê-la à distância. "Umbique patria memor". Sua estadia em Liverpool, em Paris, em Berlim não constitui um exílio mas sim uma preparação. Arquivos e bibliotecas, às margens do Sena com as suas estantes de velhos livros. Museu Britânico, a Biblioteca Nacional de Paris, a Casa do Bibliófilo Mr. Chadenas, absorvem sua vida durante um quarto de século. O futuro defensor dos direitos territoriais de sua pátria se documentava, anotava suas efemérides; traduzia; verificava a cartografia; forjava suas armas para uma epopéia sem sangue. Porque os tempos tinham mudado; o espírito público americano evoluía; o arbitramento começava a se oferecer como meio preferível aos métodos coercitivos para dirimir as divergências entre as novas nacionalidades e para opor-se às pretensões européias. O jovem estadista aprendera, à luz da experiência de seu pai, que uma das causas das querelas americanas, de cruéis guerras, eram as questões de limites entre países em formação. E se incorporou ao grupo dos homens evoluídos que pensava que, em lugar de recorrer à violência, dever-se-ia apelar para a solução jurídica, preconizada na primeira conferência panamericana, consagrada na Constituição Brasileira de 91, e que repercutia pelo continente como fórmula de paz. Era necessário elevar a civilização americana afirmando a sua soberania. Fora das formas jurídicas, a América perderia sua norma necessária de vida, sua característica essencial, e se dispersaria nas insolúveis querelas européias, ou se rebaixaria à categoria dos continentes colonizados. O direito é a dignidade da América, e o Barão do Rio Branco foi um dos magnos obreiros dessa formação; marcou com fatos o caminho assinalado, levou à prática o sonho dos doutrinários; substituiu a violência pelo direito estrito. Eis porque sua figura se projeta sobre todo o continente.

Não alcançou essa categoria somente pelo favor da sorte, nem de golpe. Amadureceu numa larga aprendizagem.

A MORTE DE RIO-BRANCO



Outro painel da exposição

Quando se apresentou a ocasião, pode-se dizer que o lugar de advogado dos direitos territoriais de sua pátria lhe cabia legitimamente. Temos agora o estrategista frente ao mapa, disposto a realizar a epopéia incruenta; seu arsenal é um arquivo; seus aliados a geografia e a história americana, que estudou com a prolixa paciência de um beneditino. Trabalha exaustivamente, sente a voluptuosidade de embrenhar-se em empresas de vulto. Não tem horário; começa quando sente o impulso motor; se encontra um ponto de referência segue o fio, à luz do sol ou à tênue claridade de uma vela, até esclarecê-lo; se tem uma dúvida, não descança até decifrá-la; havia algo de miguelangelesco neste pesquisador de documentos. Folheia, compulsa, repete, ordena com uma espécie de intuição do dado que precisa. Pelos aposentos por onde passa, deixa um rastro de tocos de vela e infinitas fôlhas cheias de anotações, como troféus de uma batalha. No dia seguinte o sistematizará com rigoroso método.

E' um obcecado pelo trabalho, mas não um trabalhador pontual e rotineiro. Terminada uma tarefa, sai a caminhar em busca de amigos ou a admirar belos quadros; coleciona figuras de Tanagra; lê copiosamente e entra para comer num restaurante qualquer. Como todo espírito absorvido por assuntos capitais, tinha muito de despreocupação. O historiador, exigente verificador de datas e fatos, o geógrafo exato, tem para as outras coisas da vida uma amável condescendência descuidada.

Esse método personalíssimo de trabalho, que o leva a negociar diretamente, a redigir as alegações, a corrigir as provas e até a intervir na primeira encadernação das fôlhas impressas à sua vista, lhe permite ganhar os pleitos do Amapá e das Palmas, resolver a questão do Acre, encontrar uma fórmula amistosa para a navegação da Lagoa Mirim e do Jaguarão com o Uruguai, negociar com a Colômbia,

Peru, Equador e Holanda, definir os limites geográficos e estender as fronteiras morais de sua pátria. O Barão venceu, mas seus triunfos não custam sangue nem deixam ressentimentos; é um vencedor incruento, um cavaleiro sem armadura de ferro, um vencedor sem humilhações. A pátria lhe deve essas fronteiras, que ele definiu a tinta e a compasso; é um agrimensor internacional e não um usurpador. A extensão que consolidou juridicamente para seu país supera aquela que ganharam com sangue e ruínas os maiores capitães da história.

O chanceler brasileiro se projeta muito além de suas fronteiras. Não é só um "Diós terminos"; quer rodear seu país de amigos solidários e não de adversários possíveis. Sua política, que desperta alguma desconfiança, é de cooperação, busca as soluções em função do futuro; contempla a América do porvir, para o qual quer um Brasil forte. Preside com autoridade a III.^a Conferência Pan Americana; procura a colaboração de seus compatriotas mais lúcidos; seu pessoal é uma escola de formação; não precisa rebair o contorno para sobressair. Quando há necessidade de prover a embaixada em Washington, faz com que o governo a confie a Joaquim Nabuco, flor da civilização; seu mensageiro de cordialidade é Olavo Bilac, o homem dos timbres musicais; secundam-no eminentes figuras que realizam a diplomacia brasileira: Domício da Gama, Magalhães de Azeredo, Gastão da Cunha, Graça Aranha e tantos outros. E não se escraviza às cruas realidades da política in-

ternacional, mas propugna nobres ideais, princípios dignificadores e para defendê-los apela para o verbo de Rui Barbosa em Haia.

Teve poderosos contendores, rivais esclarecidos e graves problemas. Para enfrentá-los contou com duas forças: sua inteligência e a colaboração de seu país. Nunca foi um incompreendido. Depositava-se neste negociador a máxima confiança. O que o Barão fazia, o brasileiro achava bom porque intuía seu pensamento e respeitava seu patriotismo. Negociava tendo como apoio a opinião auspiciosa de seu povo.

Dizia-se erradamente que fugia da política, quando a verdade é que a praticava constantemente, mas em grande estilo, não para disputar cargos nem ganhar posições, mas sim para captar simpatias, orientar a opinião, conseguir colaborações para os desígnios sempre eminentes de sua chancelaria. O Itamarati foi assim a cabeça de ponte da união sagrada, o recinto onde só se reconheciam brasileiros. Nesse sentido, foi um político, um condutor, o paladino das expressões ideológicas de uma grande nação e realizador de uma grande política que permitiu ao Brasil continuar uma coerente tradição internacional. Ele mesmo servia à Pátria acima das situações e até das formas de governo. Barão do Império, foi chanceler da República; era maciço e pessoal, inclusive na firma que adotou.

A vida foi generosa com ele; uma bela figura, homem bem plantado, porte majestoso. Não se encontra em sua biografia um só traço de vulgaridade nem de virtude pacata, nem sequer a vivacidade de raposa que alguns consideram indispensável ao diplomata. Como todo homem transcendente, criou escola; como todo autêntico mestre, deu uma orientação. Só os homens que crêem no futuro se projetam nêle. Os povos americanos podem congregar-se amistosamente e honrar êste monumento, porque não foi edificado sobre ruínas, violência nem usurpações, mas sim com legítima terra brasileira, com os troféus de vitórias incruentas conseguidas pelo direito.

Seu pedestal descansa em terra firme, honra a um estadista e se projeta aos céus em destino consubstanciado com a pátria à qual consagrou sua existência".

DISCURSO DO EMBAIXADOR JOÃO NEVES DA FONTOURA

"Todos os brasileiros, alistados nas fileiras diplomáticas, presentes a esta hora ao pé dêste monumento, ou ausentes da Pátria e a seu serviço, renovam, com a sua homenagem ao Barão do Rio Branco, o seu testemunho de fidelidade aos ideais que enobreceram a vida do Chanceler imortal.

Não caberia, no estilo desta solenidade, desdobrar — ainda que em singelas ementas — a sua portentosa obra política, nem recompor, para edificação pública, as proporções amazônicas da sua carreira.

Ambas já transpuseram vitoriosas a imparcialidade da crítica, dentro e fora das nossas fronteiras, que, acima dos marcos de pedra, conservam, vigilantes, a presença espiritual do Demarcador!

Professor, jornalista, duas vezes deputado à Câmara do Império, em nenhuma dessas atividades se fixam os traços da sua vocação.

São experiências fugazes, pequenos clarões indecisos e passageiros que apenas antecedem e anunciam a alvorada próxima.

Parece haver nas vidas eleitas uma torturante procura do rumo. Muitas se perdem ou desviam entre afluentes mediocres. Outras afinal encontram a grande estrada do destino, que as torna ilustres.

Não foi em vão que Rio Branco pelejou contra a má vontade do Imperador em busca do primeiro posto consular. Dêle é que o há de arrancar o governo republicano para confiar-lhe o patrocínio dos interesses brasileiros no pleito secular sobre o território de Missões.

Mas não é apenas o laudo a nosso favor que o recomenda à gratidão nacional, nem a conseqüente incorporação ao território de tantos milhares de quilômetros quadrados, indispensáveis à nossa segurança militar. A glória de Joaquim Nabuco não empalideceu com o sacrifício dos nossos direitos no caso da Guiana Inglesa. O que destaca a figura de Rio Branco, no primeiro e estrondoso triunfo da sua carreira, é que aquêle dependeu precipuamente da sua contribuição pessoal, da luz que projetou sobre os novos documentos fundamentais à demanda, modificando-se, como ele próprio escreveu, "todo o nosso sistema de defesa e ataque".

O advogado não se contenta em ser o simples portador rotineiro de um memorandum elaborado na Secretaria de Estado. Profundo conhecedor de todos os segredos do litígio, inova a fisionomia do debate, articula sobre a realidade documental os argumentos irrespondíveis emanados da cartografia e da história.

E' aí o verdadeiro ponto de partida da sua vida pública. Quarenta anos mais tarde, o Segundo Rio Branco substituiu o primeiro na defesa dos mesmos interesses territoriais, confundindo-se afinal os dois nomes ilustres na justiça da decisão arbitral.

Bastaria esta para garantir ao Barão do Rio Branco um lugar excepcional entre os beneméritos da Pátria. A sua ascensão, porém, não conhece outros limites senão os da sua grande vida bem vivida, e, quando a morte o arrebatou quase à banca do trabalho, o Brasil encontrara o criador de todo um sistema da sua política externa, fundado no senso da objetividade e nos princípios de um idealismo orgânico. E' à sombra dêle que Rio Branco leva a cabo todas as realizações do seu Ministério, resolvendo sem o disparo de um tiro as mais delicadas pendências de fronteiras, revigorando os laços de amizade com todos os povos da terra, notadamente os dêste hemisfério, assinando inúmeras convenções de arbitragem e sustentando, na Conferência de Haia, pela voz insuperável de Rui Barbosa, a teoria democrática da igualdade jurídica entre os Estados soberanos.

Apesar de haver permanecido na Europa por mais de um quarto de século, a ausência não desnacionalizou a substância brasileira do seu caráter, antes aprimorou as virtudes do seu patriotismo. Não é um estrangeirado confundindo

os acentos prosódicos, que desembarca no velho cais "Pharoux" para assumir a pasta das Relações Exteriores, mas o mesmo brasileiro que daqui partira, trazendo a mais um capital de experiência, o mundo das amizades que conquistara, o arquivo da sua documentação, os pacientes estudos de geografia e de história para o serviço da Casa, que hoje se honra sob a designação de seu patronímico.

Tendo aprimorado a independência de julgamento e o sentido das realidades nacionais, a sua formação espiritual européia não lhe tolhe a antevisão do futuro nem o impede de reconhecer que os mais nobres e imperiosos interesses do Brasil teriam de gravitar na órbita de um sistema continental. O caminho da cooperação com os Estados Unidos fôra aberto desde os primeiros dias da nossa independência. Faltava quem retomasse, com autoridade e decisão, o impulso quase perdido e buscasse imprimir aos sentimentos de amizade entre as duas nações um cunho de lealdade e confiança.

O ideal bolivariano não desaparecera da consciência do Novo Mundo; carecia, porém, para assumir os contornos de um corpo de doutrina vitoriosa na prática, que a cooperação entre fracos e fortes se fundasse nos princípios da ética internacional, com a segurança de respeito a todas as soberanias, de modo que as bilhas de barro não corressem o risco de serem destruídas pelas de ferro.

Ministro das Relações Exteriores, Rio Branco orienta desde logo as suas diretrizes em favor de um pan-americanismo extenso, compreensivo e profundo. Ninguém o definiu melhor do que ele ao inaugurar nesta capital a Conferência de 1906:

"Nações ainda novas, não podemos esquecer o que devemos aos formadores do capital com que entramos na concorrência social.

A própria vastidão dos nossos territórios, em grande parte desertos, inexplorados alguns, e a certeza de que temos recursos para que neste continente viva com largueza uma população dez, vinte vezes maior, nos aconselhariam a estreitar cada vez mais as relações e boa amizade e procurar desenvolver as do comércio com essa fonte prodigiosa de energias que é a Europa".

Não se trata, pois de um bloco isolado de nações deste hemisfério, carregadas de suspeitas ou hostilidades contra as metrópoles de origem, muito menos para nós que sempre confessamos com emoção e orgulho a gloriosa ascendência lusitana.

Couraça para a defesa comum do continente contra as agressões partidas de fora, a sociedade dos povos americanos não se alheia do resto do mundo, não repudia as raízes da sua formação étnica, sentimental e cultural, nem refoge ao sentido universal de todas as concepções do gênio político.

Com esses princípios normativos, levados às últimas consequências sob a inspiração do imortal Presidente Franklin Roosevelt, é que se inovou o teor das relações internacionais e se assegurou, pela força das armas ao serviço do direito, a liberdade dos indivíduos escravizados pelo nazi-

fascismo, e a independência das nações subjugadas ou ameaçadas pela doutrina totalitária.

Durante o decênio em que dirigiu o Itamaraty, Rio Branco jamais se deixou arrebatar pelas seduções da política interna. E foi essa isenção entre os partidos que lhe conferiu, a juízo de seus compatriotas, uma autoridade até então desconhecida no conflito, sempre, cego e terrível, das nossas rivalidades facciosas. Homem único neste país, desfrutou com justiça até o último dia da sua vida o esplendor da glória associado paradoxalmente a uma popularidade rumorosa e duradoura.

A sua fidelidade à monarquia não o impediu de servir a República com lealdade. No fundo, não o animava o fanatismo por qualquer forma de governo. O que desejava — ele mesmo o explicou — era que o novo regime conseguisse "manter a ordem; assegurar, como o anterior, a integridade, a prosperidade e a glória do Brasil, consolidando ao mesmo tempo as liberdades que nos legaram nossos pais".

Trinta e três anos depois da sua morte, esta romaria não se resume num preito ao passado, porque a política externa da atualidade brasileira, sábia política do governo e do povo, é a mesma que ele nos legou, apenas ampliada pelas novas condições do mundo e com as variantes inevitáveis ao transcurso do tempo.

As palavras, com que Rio Branco encerrou nesta mesma cidade a Terceira Conferência Pan-Americana, valem por uma profecia dos tempos que estamos vivendo: "Não raro — dizia ele — um vento de insânia, despertando instintos bárbaros, açoita e abala os povos, mesmo os mais cultos e cordatos. O dever do estadista e de todos os homens de senso político é combater a propaganda de ódios e rivalidades internacionais".

Opondo há três anos todas as suas armas contra o domínio da insânia totalitária — na frente da batalha e nas linhas da retaguarda — o Brasil prossegue o pensamento e a ação de uma política tradicional.

O que Rio Branco não logrou ver realizado foi o reaparelhamento da nossa defesa militar, preocupação absorvente de seus dias de governo. Aos que, por ela, o acioaram de cultivar, sob o disfarce de ideais pacifistas, a paixão do armamentismo agressivo, ele respondeu com verdade, no célebre discurso do Clube Militar: "Mas não se pode ser pacífico sem ser forte, como não se pode, senão em intenção, ser valente, sem ser bravo".

Frágil seria o conteúdo desta comemoração se ela não exprimisse, antes de tudo, aquele sentido de continuidade política indispensável à vida das nações que já transpuseram o período de ensaios, incertezas e decepções da juventude.

A diplomacia brasileira está sempre assistida pelo espírito de Rio Branco. Os seus ensinamentos, os seus métodos, as suas diretrizes orgânicas nada sofreram substantivamente com o transcurso dos anos. Ao contrário, a nossa posição nestas duas guerras universais sempre esteve na lógica dos antecedentes por ele firmados em documentos e atitudes inesquecíveis.

Verdadeiro modelador do Ministério no regime republicano, a sua personalidade vincou para sempre os serviços da nossa política estrangeira, dos mais elevados aos mais subalternos. Rio Branco pertenceu àquele reduzido grupo de homens de governo para os quais nenhuma quantidade é desprezível quando a soma, de que se trata, é o interesse nacional.

De alto a baixo, desde a arte sutil de negociar até as últimas minúcias do protocolo, nada escapou afortunadamente à sua influência avassaladora e benéfica.

Ainda hoje, as suas decisões, os seus conceitos e até, mesmo, o vasto anedotário cíclico da sua passagem pelo Ministério constituem uma série de jurisprudência cristalina.

Mas a sua verdadeira glória está em que se pode sempre identificá-lo com a imagem da Pátria, quando, nos dias de bonança ou nas horas de febre, a imaginação popular, ávida de antropomorfizar os sentimentos, procura fixar na fisionomia passageira dos indivíduos os traços eternos da Nação imortal.

Não celebramos, assim, hoje apenas os talentos, as virtudes, os trabalhos e os feitos de um homem. O culto é o da própria Pátria na constância de todas as suas forças criadoras, como símbolo das nossas decisões em frente do futuro.

Por isso, é que aqui se acham soldados, marinheiros e aviadores, representantes dos irmãos de armas que se batem nas terras, nos mares e nos céus longínquos; por isso é que salvam as fortalezas da costa; por isso desfila a juventude ansiosa para receber, com a maioridade do espírito, a herança destes tempos amargurados; por isso é que aqui se encontram confundidos, num raro esplendor democrático, os homens de governo, as elites e as camadas populares.

Na memória de Rio Branco o Brasil encarna os seus graves pensamentos de hoje e as suas inabaláveis resoluções de amanhã.

Lutaremos por uma paz fundada na justiça e na segurança e equivalência das nações, no preceito da liberdade dos povos e dos indivíduos, no aperfeiçoamento das condições de vida de todos os seres humanos, como, decididos e unânimes, afrontamos os perigos e incertezas da guerra".

BIBLIOGRAFIA DO BARÃO DO RIO BRANCO

"A Manhã" publica mensalmente magnífico suplemento literário, "Pensamento da América", sob a direção do escritor Renato de Almeida e que constitui valioso elemento de aproximação cultural entre os países deste continente.

No "Pensamento da América" de 29 de abril último, todo êle consagrado a Rio Branco, fomos encontrar a bibliografia do estadista brasileiro, trabalho de autoria do dedicado funcionário da Biblioteca do Itamaraty, Sr. Armando Ortega Fontes

1862

1) — Luiz Barroso Pereira.

In "Revista Popular". Noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc., etc. Jornal ilustrado. 1862 — Tomo XIII — Ano IV — Janeiro a março. Págs. 206 a 212.

1864

2) — Episódios da Guerra do Prata (1825-28).

(Apontamentos históricos) — in "Revista Mensal do Instituto Científico" — São Paulo. 2.^a Série — Junho de 1864 — N.^o 5. Pág. 83. — (I — Primeiras operações navais no Prata — Combate naval de Corales, a 9 de fevereiro de 1826).

3.^a Série — Agosto de 1864 — N.^o 1 — Pág. 8 — II — Defesa da Praça de Colônia em 1826.

1868

3) — Esboço biográfico do General José de Abreu, Barão do Serro Largo.

In "Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil". Vol. XXXI — Parte segunda. Págs. 62 a 135. — Rio de Janeiro, 1868. B. L. Garnier.

1875-76, 1924-25-26.

4) — A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguai (1864-1870), com cartas e planos por L. Schneider, Conselheiro privado e leitor de S.M. o Imperador da Alemanha e Rei da Prússia. Traduzido do alemão por Manuel Tomaz Alves Nogueira. Anotado por J. M. da Silva Paranhos, Ex-Secretário da Missão Especial do Brasil no Rio da Prata, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Tomo I. — 1875. C/7 mapas e planos e 1 apêndice págs. 1/219. 1 vol. enc. XXXII, 319-219 p.

Tomo II — 1876. C/6 mapas e 1 apêndice págs. 1/513. 1 vol. enc. VIII, 185-513, VI pag.

Tomo III — 1.^o Fasc. — C/biografia de L. Schneider, págs. I/XII e do Barão do Rio Branco, págs. XIII/XXI. Rio de Janeiro, 1924, Imp. Militar, 1 vol. enc. in-8.^o c/4 mapas. XXVI, 219 a 417 p.

Tomo III — Fasc. — (Apêndice ao 3.^o volume) — (Notas e Documentos). Rio de Janeiro, 1925, Imp. Militar, 1 vol. enc. in-8.^o c/2 mapas. LXI a CCCXLIV págs.

Tomo III — 3.^o e último Fasc. — C/biografia do Dr. Afonso Celso de Assis Figueiredo, pag. V e do Visconde de Ouro Preto, pag. VII. — (Apêndice ao 3.^o volume). (Notas e Documentos) — (Conclusão). Rio de Janeiro, 1926, Imp. Militar, 1 vol. enc. in-8.^o XV — CCCXLV a CDLXX — XV p.

— A Guerra da Tríplice Aliança (Império do Brasil, República Argentina e República Oriental do Uruguai) contra o Governo da República do Paraguai (1864-1870), com Cartas e Planos por L. Schneider, Conselheiro privado e leitor de S. M. o Imperador da Alemanha e Rei da

Prússia. Traduzido do alemão por Manuel Alves Nogueira. Anotado por J. M. da Silva Paranhos, Ex-Secretário da Missão Especial do Brasil no Rio da Prata, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Vol. I — Capítulos I a IX, págs. 1/329; apêndice ao 1.º volume (Documentos justificativos), págs. 1/214. C/5 mapas e planos.

Vol. II. — Capítulos X a XV, págs. 1/162; apêndice ao 2.º volume. (Notas e Documentos), págs. 1/409. C/7 mapas. Rio de Janeiro, 1902, H. Garnier — Livreiro-Editor, 2 vols. encs. in-8.º XV — 329 — 214, 162 — 409.

— Comentários à História da guerra do Paraguai, de Schneider.

In "Revista Americana".

Ano VII — Agosto — Setembro 1918 Ns. 11-12. Pág. 5: Índice do 3.º volume inédito.

Ano VIII — Outubro 1918 N.º 1 — Pág. 5: Capítulo XVI — De Tuyuty à Tuyu-Cuê.

Ano VIII — Novembro 1918 N.º 2 — Pág. 5: Continuação do capítulo XVI. Ano VIII. — XVII — Dezembro de 1918 N.º 3. — Pág. 5: Capítulo XVII — Campanha do Apa (Mato Grosso).

Ano VIII — Janeiro 1919 N.º 4 — Pág. 5: Capítulo XVIII — Ainda a campanha do Apa. Expedição de Corumbá.

Ano VIII — Fevereiro — Março de 1919 N.º 5 — 6. Pág. 5: Continuação do capítulo XVIII.

Ano VIII — Abril de 1919 N.º 7. — Pág. 5: Capítulo XIX — Primeiras operações para isolar Humaitá.

Ano VIII — Maio de 1919 N.º 8. — VIII Pág. 5: Continuação do capítulo XIX.

Ano VIII — Junho 1919 N.º 9. — Pág. 5: Continuação do capítulo XIX.

Ano VIII — Julho de 1919 N.º 10 — Pág. 5: Continuação do capítulo XIX.

Ano VIII — Agosto-Setembro de 1919 N.º 11-12. — Pág. 5: Capítulo XX — Forçamento da passagem de Humaitá, ocupação do quadrilátero pelos Aliados.

Ano IX — Outubro de 1919 N.º 1 — Pág. 5: Continuação do capítulo XX.

Ano IX — Novembro — Dezembro de 1919 Ns. 2-3. Pág. 5: Continuação do capítulo XX.

1880

5) — *Navegação e comércio entre o Brasil e os portos da dependência do Consulado Geral do Império em Liverpool no ano de 1876-1877.*

In "Informações dos Agentes Diplomáticos e Consulares do Império". Tomo IV — América e Europa. Anos de 1875-77. Rio de Janeiro, 1880, Tip. Universal de E.G.H. Laemmert, Págs. 328 a 397.

1882

6) — *O Café na Grã Bretanha.*

Informação apresentada a S. Excia. Sr. Conselheiro Manuel Alves de Araújo, Ministro e Secretário de Estado

dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. S/L. (1882), S/Ed. 1 fôlha 24 p.

1884

7) — *Le Brésil à l'Exposition Internationale de St. Pétersbourg* 1884. St. Pétersbourg, 1884, Imprimerie Tranke at Fusnot, 1 vol. cart. in-4.º XVIII — 102 p.

8) — *Exposição brasileira em S. Petersburgo.*

Relatório de 2 de junho de 1884. In "Jornal do Comércio" de 7 de agosto de 1884. Pág. 2, 6.ª coluna.

1889

9) — *Le Brésil*, par E. Levasseur.

(Extrait de la Grande Encyclopédie). Première Edition. Part. 1 — Géographie physique. Parte II — Géographie politique. — Histoire, Administration, Population. Parte III — Géographie économique. Chapitre dernier. — Résumé de l'état du Brésil par M. E. Levasseur, pag. 77; bibliographie, pag. 79. Appendice. — Maison Impériale du Brésil (Par le baron de Rio Branco, pag. 83) 1ère Ed. Paris, 1889, H. Lamirault et Cie., 1 vol. enc. in-4.º, VIII — 86 p. c/1 mapa fora do texto.

— *Le Brésil*, par E. Levasseur.

Avec la collaboration de MM. de Rio Branco, Eduardo Prado, d'Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Troussart et Zaborowski. (Extrait de la Grande Encyclopédie). Deuxième édition illustrée de Gravure, Cartes et Graphiques accompagnée d'un Appendice par ... et M. Glasson, et d'un Album de Vues du Brésil exécuté sous la direction de M. de Rio Branco. Publiée par le Syndicate Franco-Brésilien pour de l'Exposition universelle de Paris en 1889. Parte I — Géographie physique. Parte II — Géographie politique — Histoire, Administration, Population. Parte III — Géographie Economique. Chapitre dernier. — Résumé de l'état du Brésil. Par M. E. Levasseur. Bibliographie, pag. 79. Appendice — Maison Impériale du Brésil par M. le baron de Rio Branco, pag. 87; Quelques notes sur la langue tupi par (D. Pedro d'Alcantara), pag. 89; Les institutions primitives du Brésil par M. E. Glasson, pag. 93. Album de vues du Brésil exécuté sous la direction de J. M. da Silva Paranhos, Baron de Rio Branco. Paris, 1889, Imp. A. Lahure, 2me Éd. Paris, 1889, H. Lamirault et Cie., 1 vol. enc. in-4.º VIII — 3 — 101 p.

10) — *Le Brésil en 1889*, avec une carte de l'Empire en chromolithographie des tableaux statistiques des graphiques et des cartes. Ouvrage publié par les soins du Syndicat du Comité Franco-Brésilien pour l'Exposition Universelle de Paris. Avec la Collaboration de nombreux Écrivains du Brésil sous la direction de M. F. — J. de Santa Ana Nery. (Na página 105, capítulo V: "Esquisse de l'Histoire du Brésil par le Baron de Rio Branco). Paris, 1889, Lib. Delagrave, 1 vol. enc. in-8.º XIX — 699 p.

1892

11) — *Efemérides Brasileiras*. (Biblioteca do "Jornal do Brasil"). 1.º volume. Rio de Janeiro, 1892, Tipografia do



Este painel é constituído pelos mapas que serviram à prova cartográfica do direito do Brasil na questão do Amapá

"Jornal do Brasil", de H. de Villeneuve & C., 1 vol. enc. in-4.º pp. 378 p.

— *Efemérides Brasileiras*. — Edição completa, feita pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em conformidade com o manuscrito do autor, encerrando subsídios do Dr. Vieira Fazenda e Basílio de Magalhães. In "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Tomo 82 (1917). Rio de Janeiro, 1918, Imp. Nacional, 1 vol. enc. in-8.º XX — 880 p.

— *Efemérides Brasileiras*. — Com um índice analítico e onomástico, págs. 819 a 996. In "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Vol. 168 — 1933. 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1938, Imp. Nacional, 1 vol. enc. in-8.º XIII — 996 p.

1894

12) — *Questão de Limites entre o Brasil e a República Argentina*. Submetida à decisão arbitral do presidente Cleveland, dos Estados Unidos da América, 1894. — Exposição que os Estados Unidos do Brasil apresentam ao presidente dos Estados Unidos da América como árbitro segundo as estipulações do tratado de 7 de setembro de 1889, concluído entre o Brasil e a República Argentina.

Vol. I. — Statement. (English translation). (Com três mapas) : 1.º — Linha Meridiana de Demarcação Portugal e Espanha, a 7 de junho de 1494, pág. 16 ; 2.º — O Brasil, seu território contestado, e os países limítrofes, pág. 277. (Colorido) ; 3.º — Mapa do Brasil Meridional, mostrando a parte do seu território reclamada pela República Argentina, pág. 278. (Colorido). 1 vol. cart. in-8.º XX — 286 p. Vol. II — Exposição. (The original Statement). 1 vol. cart. in-8.º XXI — 275 p. Vol. III — Appendix. Documents translated into English. (Documentos vertidos para o inglês). 1 vol. cart. in-8.º VII — 212-8 p. inum. Vol. IV — Apêndice. Documentos segundo o texto original. (The Documents transcribed according to the original). 1 vol. cart. in-8.º VI — 200 p. 8 p. inum. Vol. V — Appendix. Maps. (Texto inglês-português). 1 vol. cart. in-8.º XXIII p. e 32 mapas numerados de 1 a 32. (Os mapas N.ºs 11, 15, 17, 21 a 26 e 31 são coloridos). Vol. VI — Appendix. Maps. (Texto inglês-português). 1 pasta contendo 1 fôlh. in-8.º XVI p. e 29 mapas numerados de 1-A a 29-A. (Os mapas n.ºs 7-A, 8-A, 12-A e 29-A são coloridos). New York, 1894. (The Knickerbocker Press), 6 vols. encs.

1897

13) — *Mémoire sur la Question des Limites entre les États-Unis du Brésil et la Guyane Britannique*. (Bruxelles), 1897 (Imp. des Travaux Publics S. A.), 1 vol. enc. in-8.º. VII — 151 p. c/4 mapas.

1899

14) — *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française*. Mémoire présenté par les Etats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse arbitre choisi selon les stipulations du Traité conclu à Rio-de-Janeiro, le 10 Avril 1897 entre le Brésil et la France. Ire mémoire :

Tome I — Mémoire ou Exposé des Droits du Brésil. (Paris), 1899 (Imp. Lahure), 1 vol. enc. in-8.º XVIII — 6 p. inum. 277 p. (C/12 mapas numerados de 1 a 123. (Os mapas n.ºs 1, 2 e 3 são coloridos). Tome II — Documents Justificatifs du Mémoire du Brésil. (Paris), 1899, (Imp. Lahure), 1 vol. in-8.º 195 p. Tome III — Documents. Mission Spécialé du Vicomte do Uruguay a Paris (1855-1856). Documents. Deuxième édition. 1re Partie. — Négociation Préliminaire. Mémoires. Pgs. 1-28. 2me Partie — Protocoles de la Conference de Paris sur la délimitation des Guyanes Brésilienne et Française. 1855-1856. Pgs. 29-262. Paris, 1899, A. Lahure, Impr. Éditeur, 2 tomos encs. em 1 vol. in-8.º III — 195, 262 p. Tome V — Silva (Joaquim Caetano da) — L'Oyapoc et l'Amazone. Question Brésilienne et Française. 2me Éd. Paris, 1899, A. Lahure, Impr. Éditeur, 2 vols. encs. in-8.º XXXVIII-460, 506 p. Tome VI — Atlas contenant un choix de cartes antérieures au traité conclu a Utrecht le 11 Avril 1713 entre le Portugal et la France. — Annexe au Mémoire. (Cet Atlas se compose de cent fac-similes conclus entre le Portugal et la France le 4 mars 1700, a Lisbonne, et le 11 avril 1713, à Utrecht. Scixante-six de ces reproductions ont été faites d'après des originaux graves, et trente-quatre d'après des originaux manuscrits). 1re partie — 10 mapas numerados de 1 a 10, sendo 1 colorido. 2me partie — 12 mapas numerados de 11 a 18, sendo 8 coloridos; 2me partie — 13 mapas numerados de 19 a 30, sendo 6 coloridos; 4me partie — 15 mapas numerados de 31 a 43-b; 5me partie — 12 mapas numerados de 43 a 54, sendo 1 colorido; 6me partie — 16 mapas numerados de 55 a 72, sendo 3 coloridos; 7me partie — 12 mapas numerados de 74 a 86-a, sendo 6 coloridos; 8me partie — 11 mapas numerados de 86-a a 91, sendo 2 coloridos. Commission Brésilienne d'Exploration du Haut Araguay sous la DIRECTION de M. Felinto Alcino Braga Cavalcante, Capitaine d'État Major, 1896. (Trois cartes). (Coloridos) Paris, 1900, A. Lahure, Imp. — Éditeur, 8 vols. encs. in-8.º Second Mémoire présenté par les Etats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse arbitre choisi selon les stipulations du Traité conclu à Rio-de-Janeiro, le 10 avril 1897 entre le Brésil et la France.

Tome I — Mémoire en réponse aux allegations de la France. (Avec des cartes, tableaux et fac-simile hors texte. Pags. 64, 70, 72, 74, 80, 84, 104, 124, 166, 167, 176 et 180). Berne, 1899, Imp. Staempfli & Cie., 1 vol. enc. in-8.º XVII, 231 p. (Com 10 mapas, sendo 8 coloridos).

Tome II — Documents accompagnés de notes explicatives et rectificatives. (Ce volume contient la traduction française de plusieurs documents du XVIe siècle jusqu'au commencement du XVIIIe. La série s'arrête à l'année 1713, aussitôt après la conclusion du Traité particulier d'Utrecht entre le Portugal et la France. Les documents postérieurs à ce Traité se trouvent réunis dans le volume suivant. Le texte original, portugais ou espagnol, des documents traduits dans les Tomes II et III est présenté dans le Tome IV). Berne, 1899, Imp. Staempfli & Cie., 1 vol. enc. in-8.º XV — 527 p.

Tome III — Documents accompagnés de notes explicatives et rectificatives. (Ce volume contient un choix de documents postérieurs au Traité d'Utrecht, reproduits selon le texte français ou traduits du portugais et de l'espagnol. Ils font suites a la série de pièces antérieurs à ce Traité, réunis dans le Tome II. Presque tous ces documents sont accompagnés, comme les précédents, de notes explicatives ou rectificatives, que parfois ont trait à ceux que le Gouvernement Français a soumis à l'Arbitre ainsi qu'aux commentaires que se trouvent dans le texte même du 1er. Mémoire de la France. Le texte portugaise ou espagnol des documents traduits se trouve au Tome IV). Berne, 1899, Imp. Staempfli & Cie., 1 vol. enc. in-8.º XV — 401 p.

Tome IV — Documents. Texte original des documents traduits dans les Tomes II et III. (Ce volume ne contient que les textes originaux, portugais ou espagnol, des documents traduits en français et réunis dans les Tomes II et III). Berne, 1899, Imp. Staempfli & Cie., 1 vol. enc. in-8.º XII — 294 p.

Tome V — Fac-simile de quelques documents reproduits au Tomes II, III et IV. (Ce volume contient des fac-simile de quelques documents dont de texte original et la traduction ont été présentés dans les Tomes II, III et IV du Second Mémoire du Brésil). Berne, 1899, Impr. Staempfli & Cie. 1 vol. enc. in-4.º.

Tome VI — Atlas. (Ce Atlas se compose de deux parties. La première, comprenant quatorze cartes antérieures au Traité d'Utrecht, est un supplément à l'Atlas annexé au 1er Mémoire du Brésil, remis à l'Arbitre le 5 avril 1899. Une quinzième carte, celle d'Ottomano Freducci, est insérée dans le Tome I de ce 2nd. Mémoire ou Réplique du Brésil. — La seconde partie de l'Atlas renferme soixante — quinze cartes postérieurs au Traité d'Utrecht). Paris, 1899. A. Lahure, Impr. — Éditeur. 1 vol. enc. in-4.º.

1900

15) — *Estados Unidos do Brasil*. Geografia, Etnografia, Estatística por Élsée Reclus. Tradução e Breves Notas de B. F. Ramiz Galvão e Anotações Sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco, pág. 471. Rio de Janeiro — Paris, 1900, H. Garnier, Liv.-Editor, 1 vol. enc. in-8.º. 481 p.

1903

16) — *Brasil and Bolivia Boundary Settlement*. Treaty for the Exchange of Territories and Other Compensations. Signed at Petropolis, November 17, 1903. Together

with the Report of Baron Rio Branco Minister for Foreign Relations of Brazil. New York, S/D., The Knickerbocker Press, 1 vol. enc. in-8.º 44 p., 2 mapas fora do texto.

1904

17) — *Tratado entre o Brasil e a Bolívia*. (Câmara dos Deputados. Parecer — 1904). Exposição que o Sr. Presidente da República dirigiu ao Sr. Ministro das Relações Exteriores (Rio de Janeiro, 1904, Imprensa Nacional), 1 folh. 15 p. c/3 mapas.

1906

18) — *O Brasil, os Estados Unidos da América e o Monroismo*. In "Jornal do Comércio" de 12 de maio de 1906. Págs. 4/5.

— *Brazil, the United States and the Monroe Doctrine*. Article published in the "Jornal do Comércio" of Rio de Janeiro, January 20th 1908. (United States), S/D. S/Ed. 1 folh. 21 p.

— *O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo*. In "Revista Americana", Ano III — Maio — Junho, 1912. Ns. 5-6. Págs. 469.

— *O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo*. In *Salve! Lauro Müller*, 16 de agosto de 1913. Rio de Janeiro, 1913, Imprensa Nacional, 1 folh. 30 p.

— *Brasil e Estados Unidos da América*. Um artigo de Rio Branco. Seguido de anotações que abrangem o período de Rio Branco aos nossos dias. Rio de Janeiro, 1930, (Imp. Nacional), 1 vol. enc. in-8.º. 65 p.

— *O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo*. In "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Vol. 178. Janeiro-Março, 1943. Págs. 167 a 187. Rio de Janeiro, 1943, Imprensa Nacional.

1908

19) — *Declarações*. (Anexo N.º 1 — Transcrito da "Gazeta de Notícias" do Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1908). Rio de Janeiro, 1908, Imp. Nacional, 1 folh. 4 p.

20) — *Brasil e Colômbia*. Tratado de Limites e Navegação e "Modus Vivendi" de navegação e comércio pelo Iça ou Putumayo assinados em Bogotá a 24 de abril de 1907. (Exposição feita pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores sobre os acordos de 24 de abril de 1907, assinados em Bogotá). Rio de Janeiro, 1908. Imp. Nacional, 1 vol. enc. in-8.º. 34 p., 1 mapa fora do texto.

21) — *O Telegrama cifrado n.º 9*, de 17 de junho de 1908, dirigido pelo Governo Brasileiro à Legação do Brasil no Chile. Rio de Janeiro, 1908, Imp. Nacional, 1 folh. in-4.º 32 p.

1910

22) — *Ministros e altos funcionários da antiga Repartição dos Negócios Estrangeiros depois das Relações Exteriores do Brasil e Membros do extinto Conselho de Estado*,

1808-1910. Rio de Janeiro, 1910, Imp. Nacional, 1 folh. 41 p.

— *Ministros e altos funcionários da antiga Repartição dos Negócios, depois Ministério das Relações Exteriores, e membros do extinto Conselho de Estado (1808-1939)*. (Ministério das Relações Exteriores. Secção de Publicações. 2). Rio de Janeiro, 1939, Imp. Nacional 1 vol. in-8.º 48 p.

23) — *O Tratado de 30 de outubro de 1909 entre os Estados Unidos do Brasil e a República Oriental do Uruguai*, modificando as suas fronteiras na Lagoa Mirim e Rio Jaguarão e estabelecendo princípios gerais para o Comércio e Navegação nessas paragens. (Exposição apresentada ao Presidente da República pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores. Rio, 19 de dezembro de 1909. Pág. 9/37). Rio de Janeiro, 1910, Imprensa Nacional, 1 vol. enc. in-8.º 213 p. C/ uma "Carta da Lagoa Mirim e regiões circunvizinhas" organizada na Secretaria das Relações Exteriores de acordo com os levantamentos feitos por E. Mouchez, Barão de Caçapava, e com alguns dados recentes. Por Euclides da Cunha.

24) — *O Tratado de 8 de setembro de 1909 entre os Estados Unidos do Brasil e a República do Peru*, completando a determinação das fronteiras entre dois países e estabelecendo princípios gerais sobre o seu comércio e navegação na bacia do Amazonas. (Exposição apresentada ao Presidente da República pelo Ministro das Relações Exteriores. Rio, 28 de dezembro de 1909. Págs. 1/65). Rio de Janeiro, 1910, Imp. Nacional, 1 vol. enc. in-8.º. 191 p. c/2 mapas.

— *Parecer da Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara dos Deputados (Câmara dos Deputados, 1910)*. (Tratado de 8 de setembro de 1909 entre os Estados Unidos do Brasil e a República do Peru). (Exposição apresentada ao Presidente da República pelo Ministro das Relações Exteriores. Rio, 28 de dezembro de 1909. Págs. 1/65). (Rio de Janeiro, 1910). S/Ed. 1 vol. enc. in-8.º — 100, 65 p.

25) — *O Território Brasileiro do Acre e o Tratado de Limites entre o Brasil e o Peru*. (O Arbitramento Peru-Boliviano em Buenos Aires). (Trechos da Exposição feita ao Presidente da República pelo Ministro das Relações Exteriores, Sr. Rio Branco, e submetida, em 28 de dezembro de 1909, com o tratado, ao Congresso Nacional). Rio de Janeiro, 1910, Imp. Nacional, 1 vol. enc. in-8.º VI — 73 p.

1916

26) — *Apontamentos para a História Militar do Brasil*. I — Primeiras lutas no Brasil. II — Guerras Cisplatinas. Antecedentes da intervenção do Brasil na Banda Oriental em 1816. In "Revista Americana". Ano VI — Outubro, 1916. N.º 1 — Pág. 5. Ano VI — Novembro, 1916. N.º 2 — Pág. 5.

1916/17/18

27) — *Biografia de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco*. In "Revista Americana". Ano VI — Dezembro, 1916, N.º 3 — Pág. 5. Janeiro, 1917. N.º 4. Pág. 5; Fevereiro, 1917. N.º 5. Pág. 5; Março, 1917. N.º 6. Pág. 5; Abril, 1917. N.º 7. Pág. 5; Maio, 1917. N.º 8. Pág. 5; Junho, 1917. N.º 9. Pág. 5; Julho, 1917. N.º 10. Pág. 5; Agosto-Setembro, 1917. N.º 11-12. Pág. 5; Ano VII — Outubro, 1917. N.º 1. Pág. 5; Novembro, 1917. N.º 2. Pág. 5; Dezembro, 1917. N.º 3. Pág. 5; Janeiro, 1918. N.º 4. Pág. 5; Fevereiro-Março, 1918. Ns. 5-6. Pág. 5; Abril, 1918. N.º 7. Pág. 5; Maio, 1918. Pág. 5; Junho, 1918. N.º 9. Pág. 5 e Julho, 1918. N.º 10. Pág. 5.

— *O Visconde do Rio Branco*. Com introdução e notas de Renato Mendonça. Rio de Janeiro, (1943). A Noite Editora, 1 vol. enc. in-8.º. 348 p. c/ilust.

1926

28) — *Anais do Exército Brasileiro* sobre a guerra com a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, e Campanha dos anos de 1825 a 1828, na Província de São Pedro do Rio Grande até a declaração da Paz; dissolução do Exército e destino dos Corpos pelo Brigadeiro Luiz Manuel de Lima e Silva. Porto Alegre, 30 de junho de 1862. Anotado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro, 1926, Imprensa Militar, Estado Maior do Exército, 1 vol. broc. in-8.º, 8 — XVIII — 150 p. (As notas do Barão do Rio Branco são as numeradas seguidamente; as do próprio autor dos Anais levam um asterisco como sinal distintivo).

29) — *História do Brasil*. Rio de Janeiro, 1930, Tip. São Benedito, 1 vol. enc. 185 p.